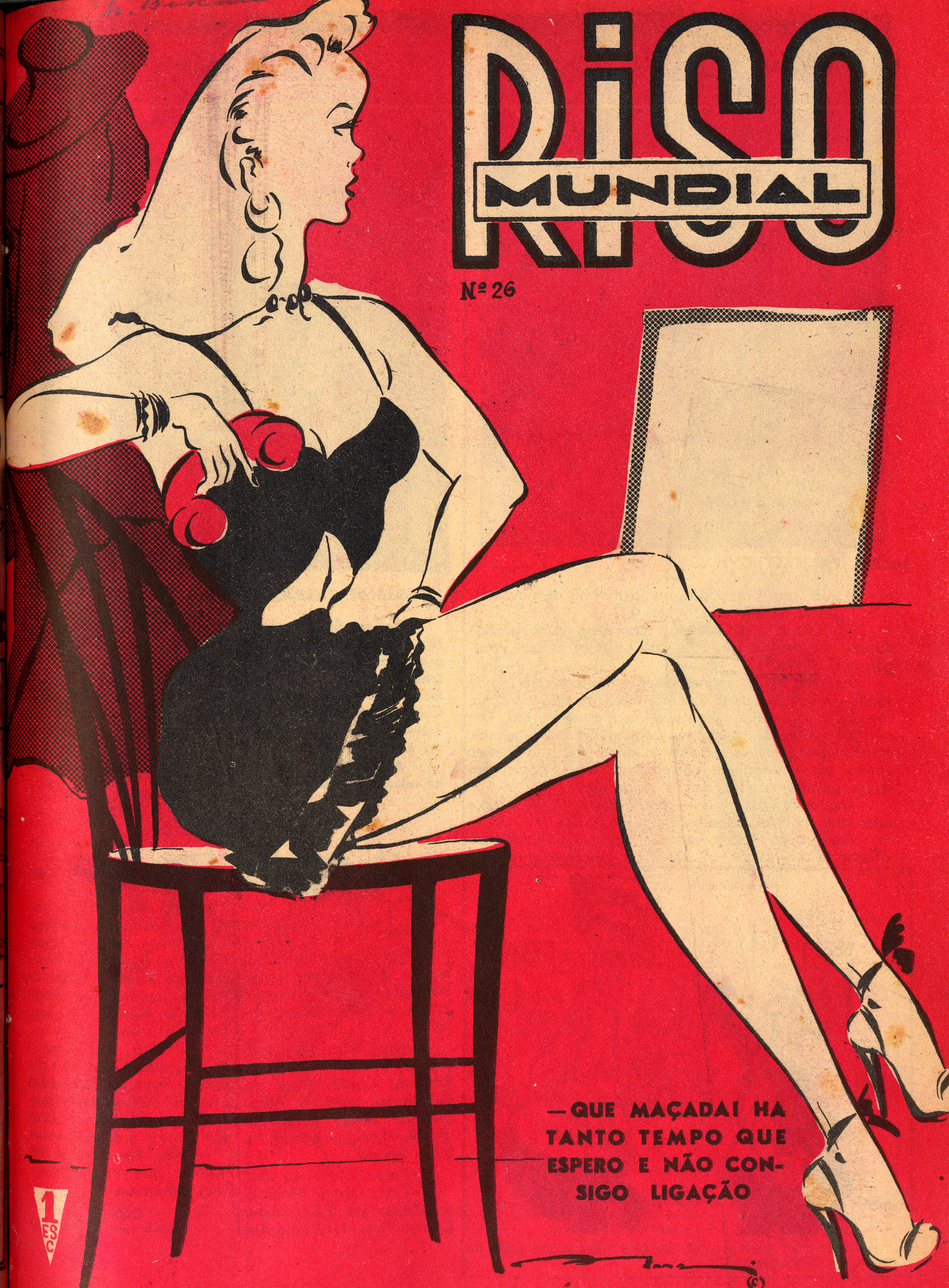


DISCO MUNDIAL

Nº 26



— QUE MAÇADAI HA
TANTO TEMPO QUE
ESPERO E NÃO CON-
SIGO LIGAÇÃO



MARIA PALHASTROVNA

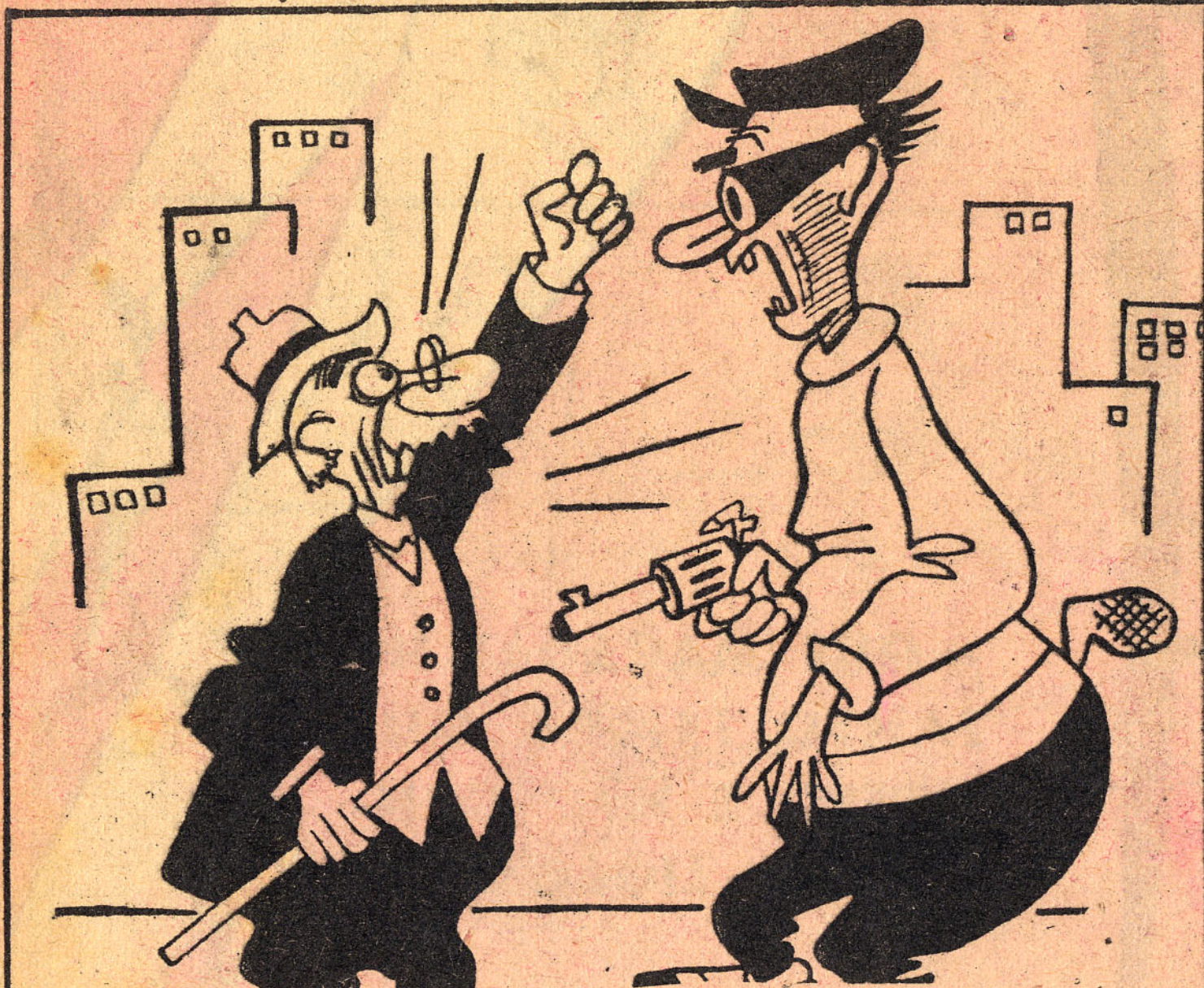
ASCEU em Campolide numa manhã de nevoeiro, entre as dez e as onze.

Abandonada de pequena, começou numa grande dança, daqui para acolá, o que originou a sua vocação para bailarina.

Aos 15 anos empregou-se num «cabarét» onde servia ao balcão, atendia o telefone, esfregava a casa, atendia a clientela e dançava ao mesmo tempo. Um dia, um empresário espanhol contratou-a por 9 meses, ao fim dos quais veio á luz do dia o mais fantástico cartaz apresentado em castelhano. O seu nome, em letras gordas, acabou por a celebrar.

Maria Palhastrovna — nome austríaco — é hoje uma das maiores bailarinas da Península.

Na gravura acima vêmo-la no bailado austríaco. «Toma lá pinhões».



— Como quer o senhor que lhe dê a bolsa se me acaba de roubar na outra esquina?!...



QUE *GRANDE CABRA!

Em sessão privada para jornalistas e pessoas que têm por hábito andar sem dinheiro — o que no fundo é o mesmo — correu há dias o sensacional filme australiano «Que grande cabra». Desempenhado magnificamente pela conceituada artista Madame de la Celhe. Boa fotografia e bom som. Destacou-se como artista de inconfundível talento, a cabra que vemos na gravura.

Ao realizador, a Madame de la Celhe e á cabra as nossas felicitações.

• D O I D I C E S •

— **Q** UERIA falar com o sr. Alexandre Eduardo Cunha Pires de Guimarães de Lima de Albuquerque Sousa Reginaldo da Purificação Santos e Silva Junior. Está?

— Não, não, mas está o pai, o sr. Alexandre Eduardo Cunha Pires de Guimarães Lima de Albuquerque Sousa Reginaldo da Purificação Santos e Silva Senior!

— Posso falar com ele?
— Com quem? Com o sr. Alexandre Eduardo Cunha Pires de Guimarães

Lima de Albuquerque Sousa Reginaldo da Purificação Santos e Silva Junior ou com o sr. Alexandre Eduardo Cunha Pires de Albuquerque Sousa Reginaldo da Purificação Santos e Silva Senior?

— Prefiro falar com o sr. Alexandre Eduardo Cunha Pires de Guimarães Lima de Albuquerque Sousa Reginaldo da Purificação Santos e Silva Junior!

— Não lhe disse já há bocado que não estava? Não me masse!

DON TARA
(cada vez mais tarado)

NÃO LEIA, MINHA SENHORA

por JORMOR

— «A mulher não deve ler quando em seu estado interessante senão pode suceder o mesmo que á Violante!»

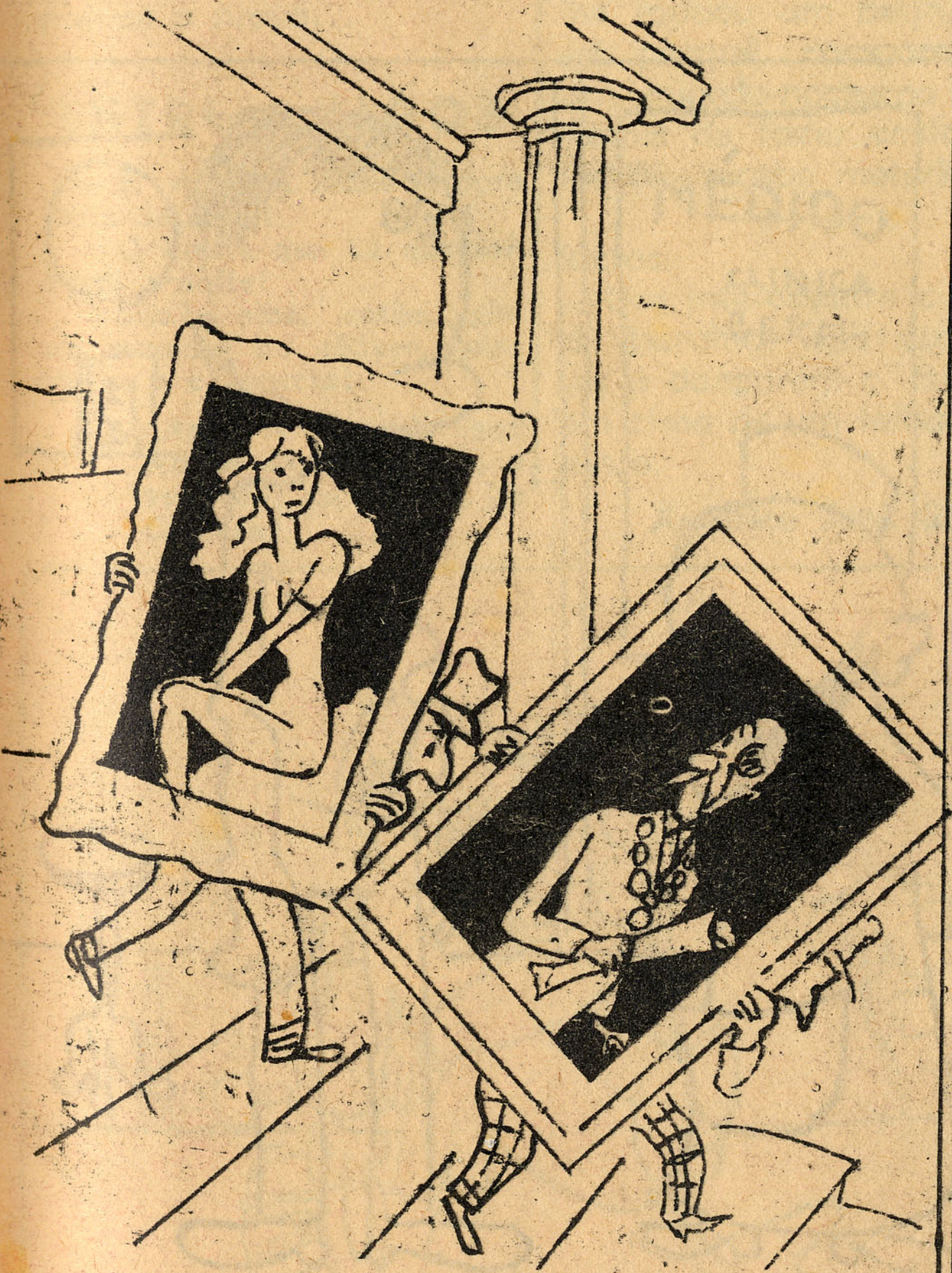
Com maneiras de orador prosseguiu o Bernabé que junto com três amigos se encontram no «café»:

— «Pois quando foi a altura, por ler «Os 3 Mosqueteiros», sabem o que sucedeu?...
— Nasceram-lhe 3 herdeiros!

Depois do facto contado que a todos admirou o Gerundino Epifanio a gaguejar perguntou:

— por ler «Os 3 Mosqueteiros» essa senhora que dizes em vez de ter um bebé teve logo três petizes?!

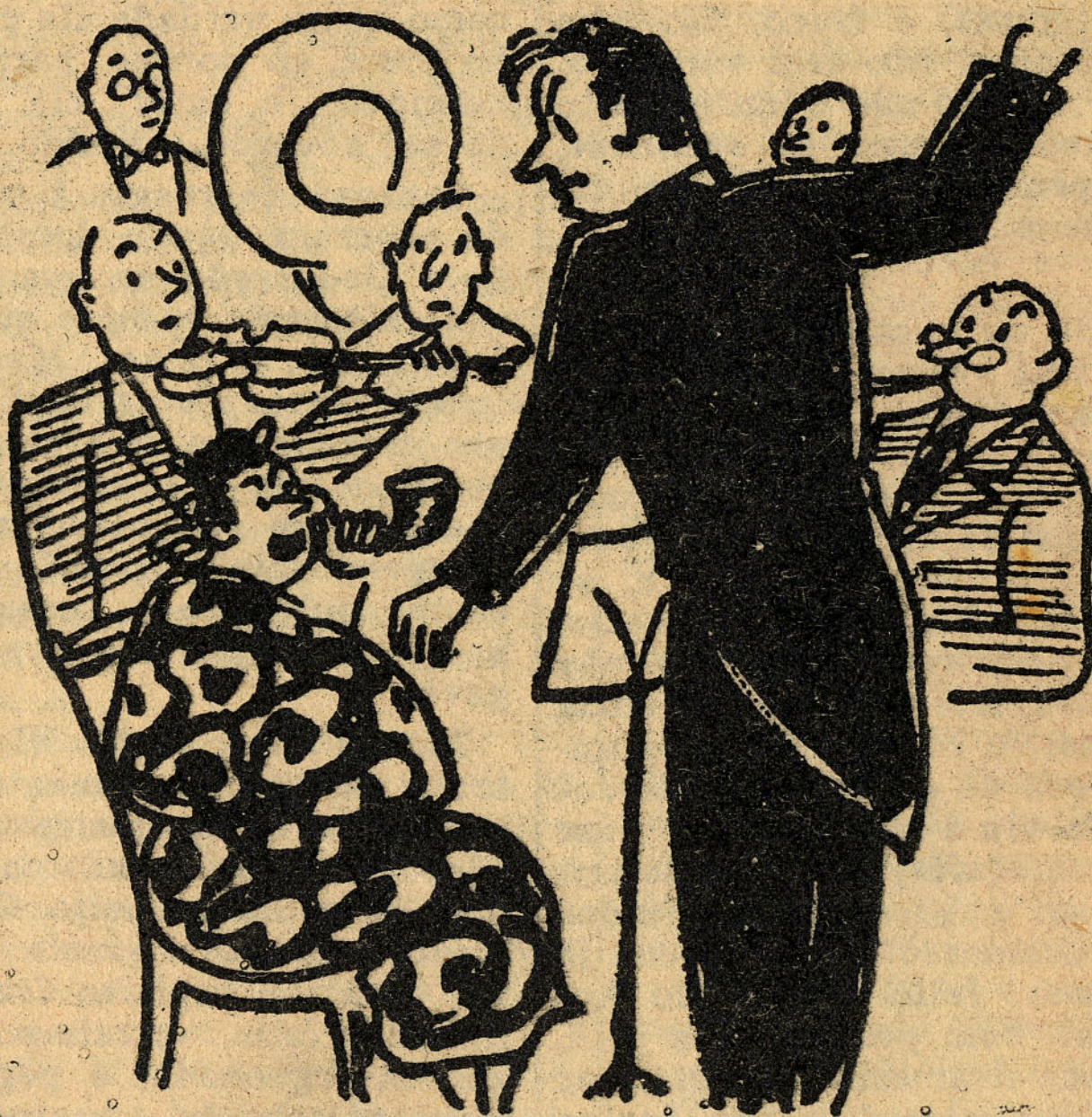
O' meu Deus eu vou ser pai e estou em aflições porque a minha está a ler «Ali-Babá e os 40 ladrões»!



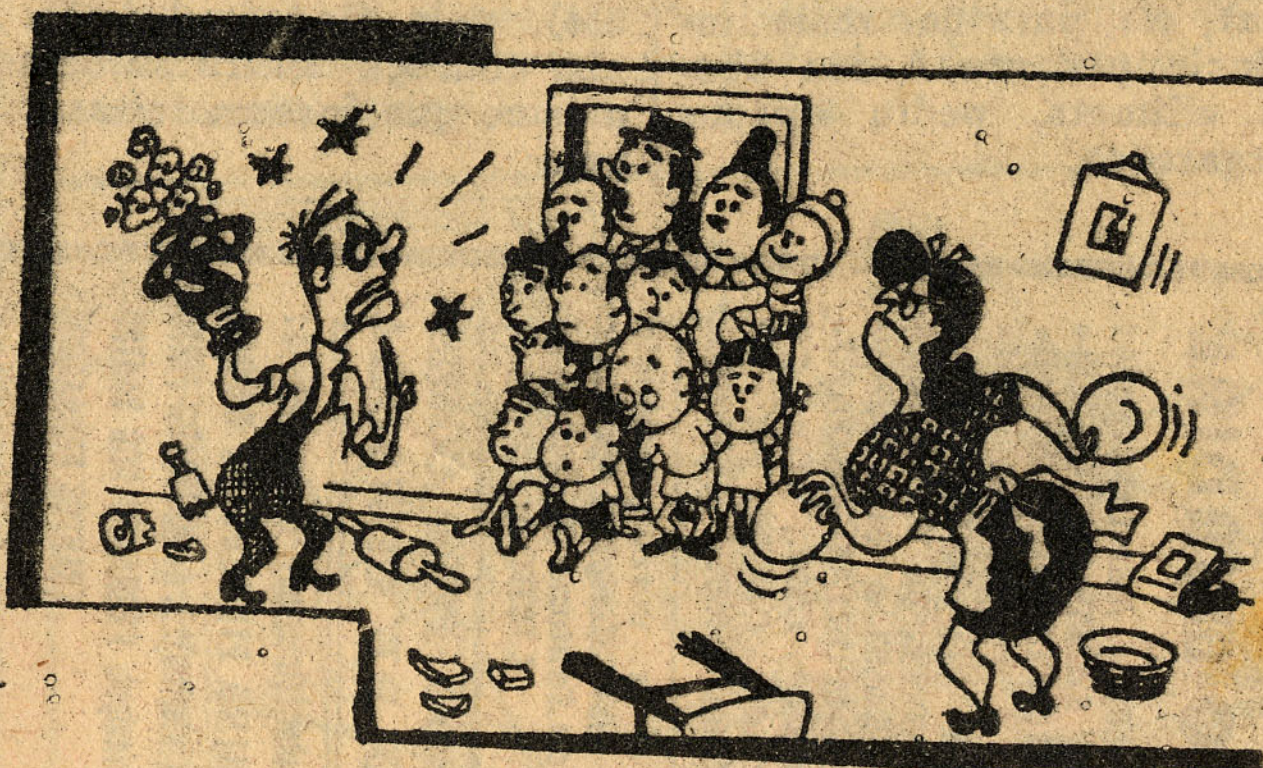
BREVE ENCONTRO



O BARBEIRO — É então corte de cabelo!...
FREGUÊS: — E é preciso trazer de casa ou os senhores fornecem?



— O senhor maestro não se importa que eu me sente aqui? E' que eu sou um pouco surda!



— Está bem, podem assistir, mas façam pouco barulho!

O HEROI DESTE CONTO

por FRANCISCO AFONSO

Não sei se será por simples coincidência, se por qualquer motivo psicológico a comandar a vontade dos autores, os heróis de quase todos os contos e novelas são indivíduos conjugados num tempo verbal «mais que perfeito composto do indicativo», porque reúnem num só «corpo invisível», uma inteligência muito acima do normal, uma força de hércules, uma «courageada» resistência contra as balas e uma poderosa dose de «aspirina» contra as dores, tudo isto aliado às mais puras qualidades morais, que se possam conceber, transformando os tais «heróis» nuns autênticos homens perfeitos, mas que, na verdade, não são perfeitos, e não são homens. Tem este propósito propositadamente a despropósito do «herói deste conto» que, por uma vil patifaria do autor (dos seus dias), não é inteligente, é fraco, não tem «courageada», não tem vergonha, é feio, e só não é um perfeito homem, porque, na realidade, é apenas a descrição de um homem.

★

Até ao momento de serem escritas «estas mal arrumadas linhas», nunca pessoa alguma «conheceria» um indivíduo muito «conhecido» pela família, que se apelidava de Godofredo Morais Chumbo, e, se de facto ninguém o conhecia, era pela razão que ele não existia. Até que, um dia tinha de ser, e foi por vontade imperiosa do autor que o Godofredo viu a luz do dia, à mesa de um «café», e em vez de ser, um ser pequenino como todos os recém-nascidos, apareceu já homem feito (ou feito homem), com pretensões a galã, bigode à americana, patilhas em bico, cara de parvo, óculos escuros — e, ao nascer, em vez de reclamar o «biberon» (como todo o bebé que se preza), ele, para dar mais imponência pedante à sua obscura silhueta, pediu apenas um «garoto».

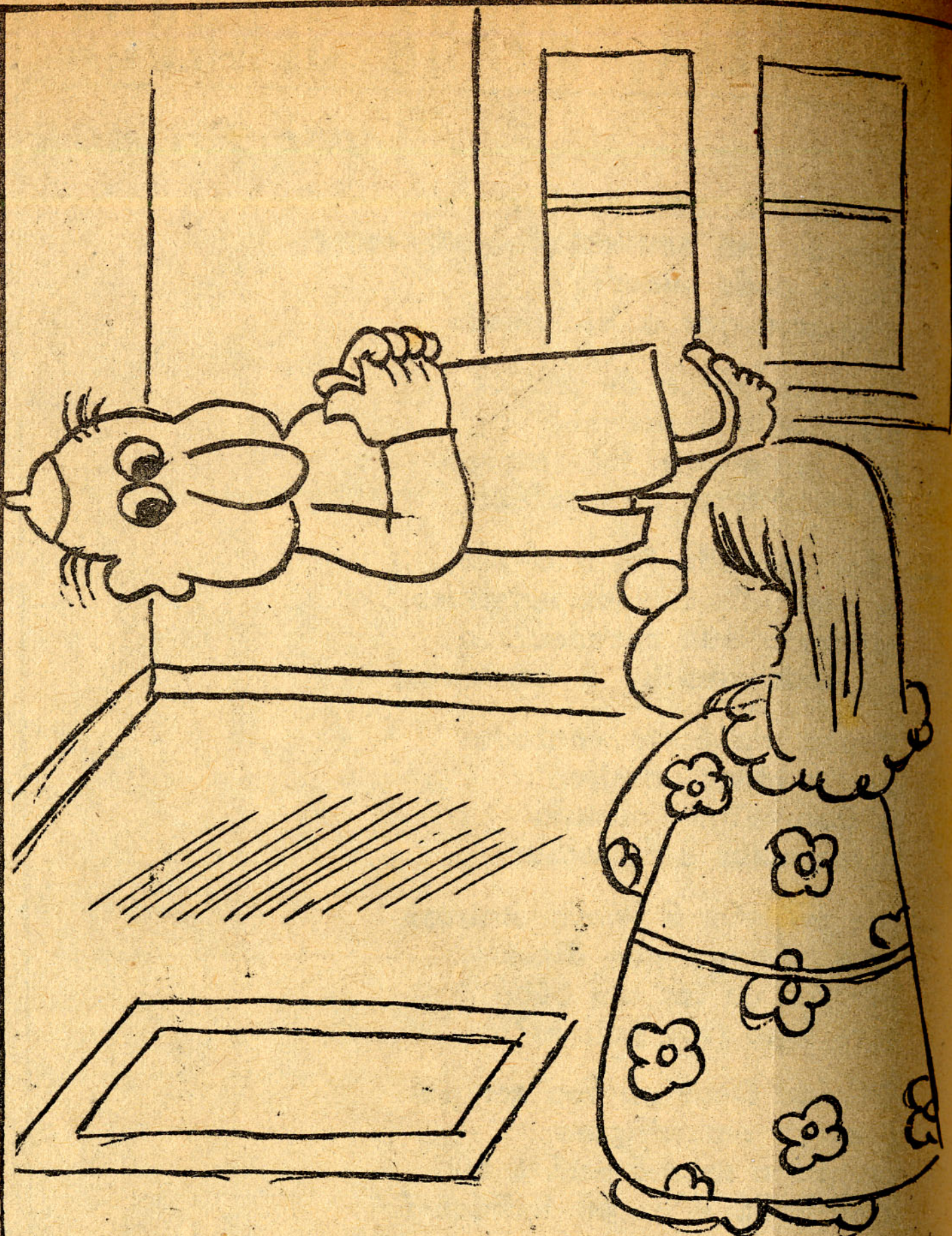
Mas se o autor tinha criado uma figura à sua imagem e semelhança, ainda não estava completamente satisfeito com a sua obra, pois que, devido ao «sadismo» que nele imperava, queria que o tal herói fosse um ser ignobil, imoral, sofredor, mesquinho, covarde e... estúpido.

Baseado na força que a pena lhe concedia, deu o autor a Godofredo diversos sofrimentos físicos, e assim, certa noite, depois de comprar bilhete para o cinema, o palerma do Morais foi para casa, porque lhe doía a cabeça.

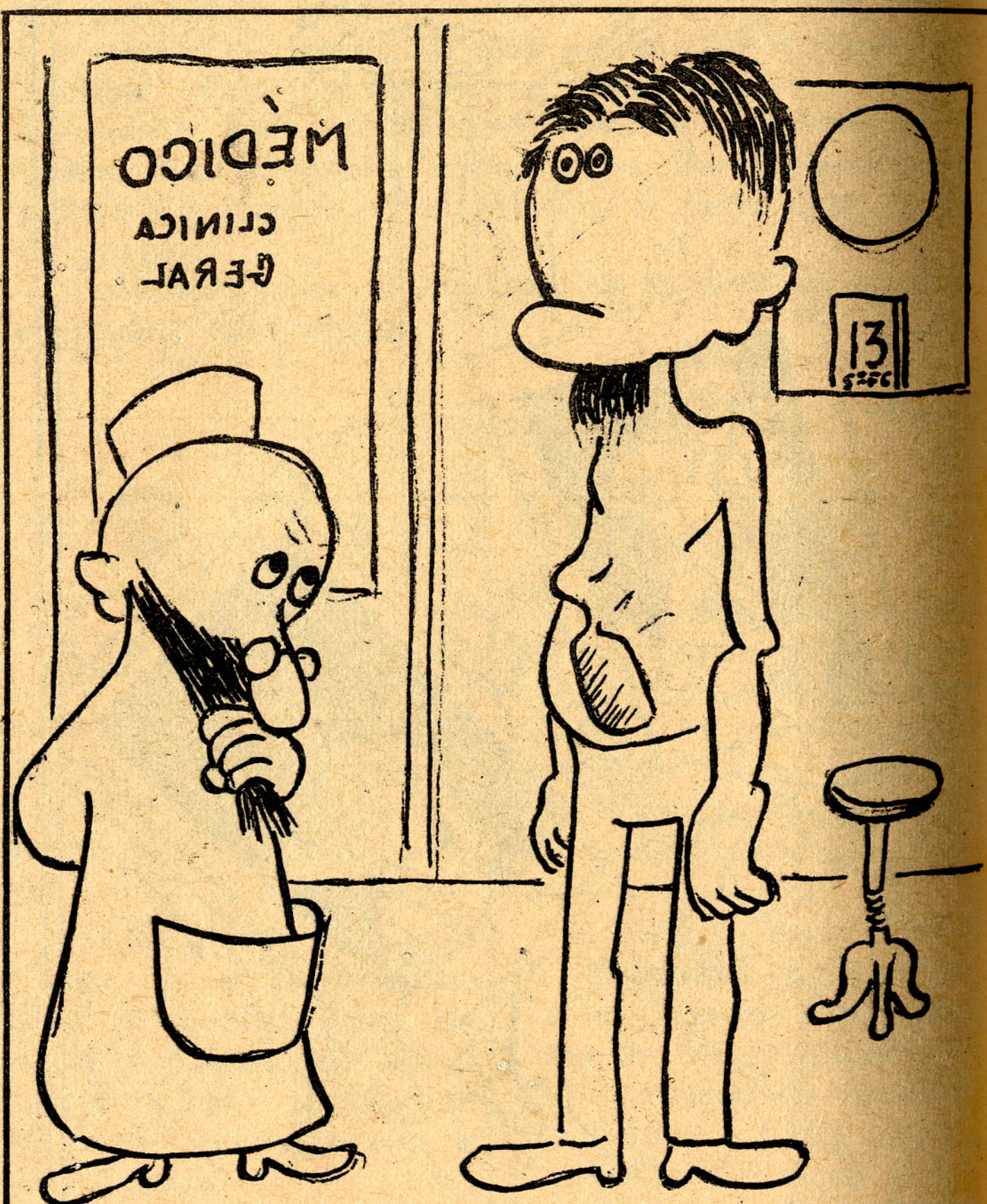
Outra ocasião foi violentamente esbofetado por um cavalheiro, dentro de um eléctrico, só porque não lhe cederia um lugar sentado, e, apesar da agressão de que foi vítima, o pobre Chumbo ficou pregado ao chão, sem reagir, como se na verdade ele chumbo fosse, só porque, para não desmentir o autor, ele tinha de ser covarde e tímido.

Incapaz de reagir à vontade soberana que o dominava, ia o Godofredo arrastando a sua existência, sempre sujeito à pena que o criara. Mas... o tempo passava e certo dia, ao ver uma passar elegante pequena que lhe sorria, ele (pensou em conquistar a sua independência) falou-lhe em amor, julgando-se assim libertado da tutela que o subjuguava.

Mas o autor estava vigilante; e assim, no momento em que a referida pequena se confessava apaixonada por ele, e já lhe pedia um beijo, Godofredo, mostrando mais uma vez sem um espírito fraco e tímido, córou, retraiu-se, fugiu envergonhado, e pegando numa pistola de... barro, meteu-lhe no carregador duas balas de... pau e suicidou-se, por vontade do autor (sempre ele), pois Godofredo não tinha couraça contra as balas... mesmo que fossem feitas... de pau.



— Desculpa não te ter dito Alberto; o carpinteiro levou a tua cama para arranjar.



— Tomei o frasco que o sr. Dr. me receitou, mas nem por isso me encontro melhor.

RISO MUNDIAL

Redacção e Administração:
R. DE SANTANA (A LAPA),
15-LISBOA ★ Composição e Impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LTD., Trav. de S. Pedro, 9, Telk. 2 5893 ★ Distribuidores: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LTD., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º Telefone 2 7507 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua de Santana (à Lapa), 15, LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Director (Interino) e Proprietário:
JERÓNIMO PINTO DE SOUSA
Editor (Interino): J. A. ROUSSADO PINTO
Red. principal: FERNANDO DOS SANTOS (SANTOS FERNANDO)

III — CONVERSA FIADA

por LUIZ RODRIGUES



GUIA INDIO: ... E ESTE ADORMECEU

GARGALHADINHAS

Gostava de ver o excelente atleta do Benfica, Tomás Paquete, correr os cem metros mas tendo como adversário um condenado a vinte e oito anos de cadeia a quem dissem antes da partida, que ficava em liberdade se ganhasse a prova...

ENTRE AMIGOS

— E' «pá», tu andas sempre cheio de sono!

— O que é que tu queres? Perdi a noite!

— Sim?, olha, então, põe um anuncio no «Riso», para ver se a encontras!

(Anedota enviada por Abílio da Conceição, o vendedor do «Riso», no Camões)

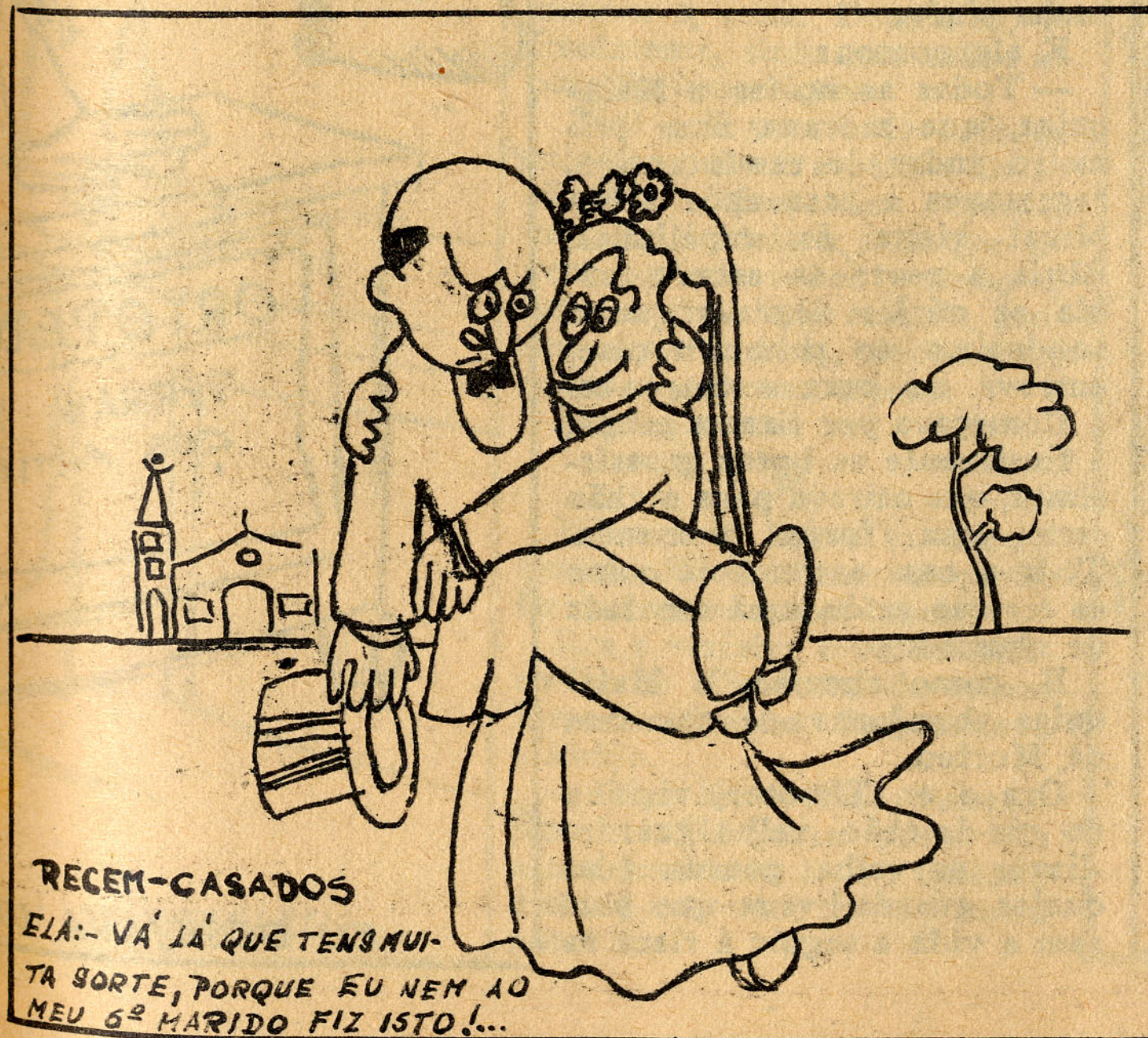
O cumulo da estupidez: desejar-se a um homem que tenha só a perna esquerda, que entre com o pé direito no ano novo.

Sempre que oiço uma rapariga dizer para uma sua amiga que certo rapaz lhe roubou um beijo, não sei porquê, comparo-a a um guarda-nocturno que, depois de fazer costas ao ladrão, recebe metade dos

lucros.

Um interessante cumulo do barulho: dois esqueletos a dançarem o «swing» em cima de um telhado de zinco.

Américo José Gírio



RECÉM-CASADOS

ELA:— VÁ LÁ QUE TENH MUITA SORTE, PORQUE EU NEM AO MEU 6º MARIDO FIZ ISTO!...

— Zé Manel fora um grande jogador de futebol e pode mesmo dizer-se que, se não fosse uma cólera de calos que lhe nasceu nos dedos do pé esquerdo (era ponta esquerda), tinha chegado a internacional. Assim, teve de abandonar a carreira de jogador de futebol, para se dedicar ao tratamento da cólera de calos pelo sistema cebolal. Sim, embora á primeira vista pareça impossível, Zé Manel fez desaparecer todos os calos que tinha (excepto os do padeiro, merceeiro, carniceiro, etc., etc), pelo sistema cebolal, e sabem como? — Foi muito simples.

Zé Manel, além de jogador de futebol, também tinha a mania da estatística, de forma que, de dedução em dedução, chegou á conclusão (rima e é verdade) que se a cebola, aproximada dos olhos, fá-los chorar, era mais do que certo que, colocando uma ao pé dos calos, havia de fazer efeito. E assim foi: Zé Manel agarrou numa, cortou-a em quatro bocados de 20 grs. cada um e colocou-os entre os dedos; o efeito não se fez esperar: os calos começaram a chorar tanto, tanto, tanto, que Zé Manel teve de comprar uma caixa de lenços da Tabaqueira, para limpar as lágrimas. Mas, abençoado remédio!, os calos começaram a secar e cinco dias depois Zé Manel já nem sequer vestígios tinha daquilo que fora uma cólera de calos.

Zé Manel costumava ir para o «café» conversar com os amigos sobre o desporto-rei, o futebol — e um dia destes fomos encontrá-lo a contar a um amigo algumas das suas aventuras futebolísticas. Ouçamos o que eles dizem:

Zé Manel — Foi em 1917, ainda me lembro como se fosse há 30 anos, fomos jogar a Santo Tirso; que formidável jogo! Fazíamos da bola o que queríamos e o nosso ponta-direita marcou os quatro golos da nossa equipa.

O Amigo — Então, ganhasteis?...

Zé Manel — Não, perdemos, perdemos, porque os nossos adversários marcaram seis golos. Ah!, mas pedimos desforra, e na semana seguinte encontrámo-nos novamente no campo da luta e então aquilo é que foi! Marcámos seis golos.

O Amigo — Ora ainda bem; então ganhasteis!...

Zé Manel — Não, homem; perdemos, perdemos, porque eles marcaram mais duas bolas que nós; marcaram oito golos.

O Amigo — Ora bolas, já era azar.

Zé Manel — Foi azar para eles, porque nós protestámos o jogo, ganhámos o protesto e tivemos de jogar novamente.

O Amigo — Mas vocês tiveram alguma razão para protestar o jogo?

Zé Manel — Pois claro que tivemos; não vês tu que o guarda-redes deles tinha uma perna de pau, o ponta-esquerda um olho de vidro, e o avançado-centro cara de mau. Ah!, mas o novo jogo é que foi bestial. O nosso avançado-centro marcou cinco golos e o ponta-direita três.

O Amigo — Oito golos; então ganhasteis!...

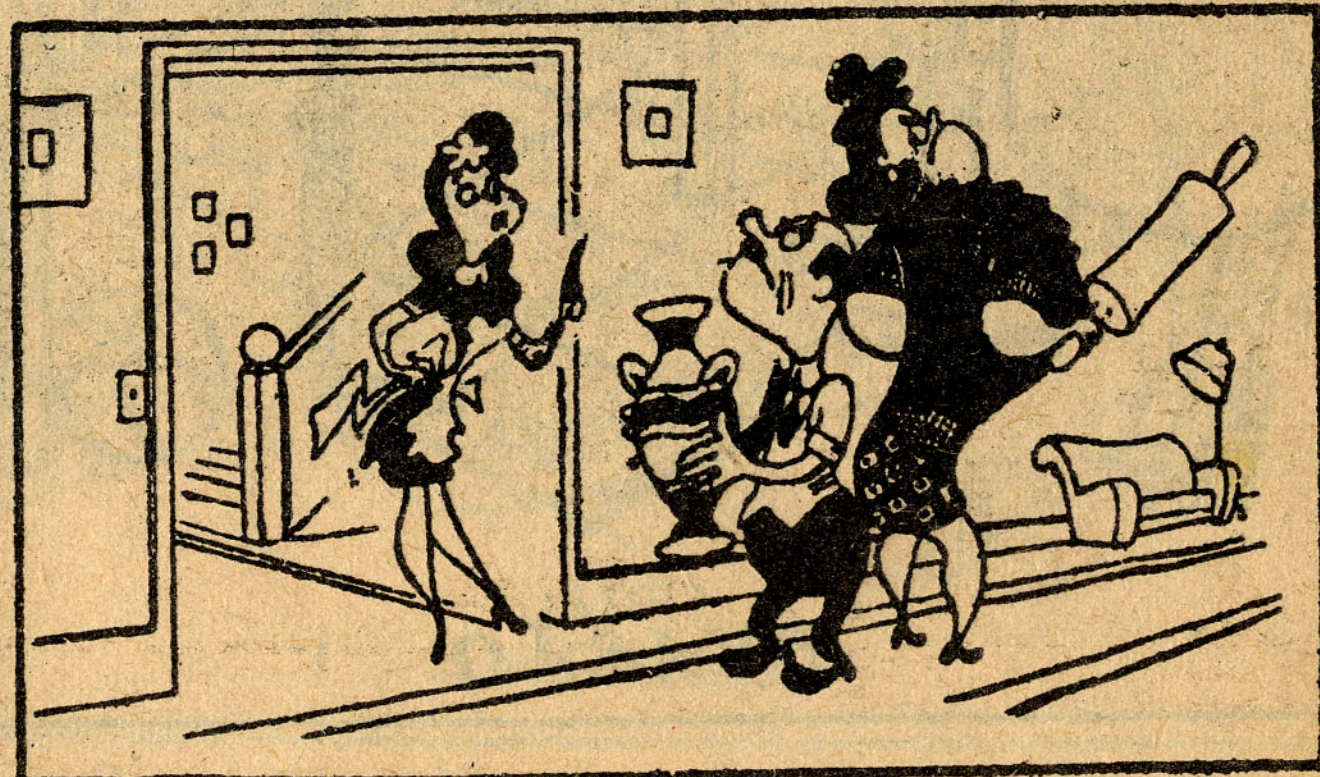
Zé Manel — Não — perdemos; perdemos, porque eles marcaram dez golos.

O Amigo (dando um soco na mesa e gritando) — Irra, era caso para ir á bruxa!

Zé Manel — Um ano depois, isto é, em 1918, fizemos novo encontro e então aquilo é que foi — eu a ponta-esquerda fazia coisas impossíveis com a bola; o nosso guarda-redes parecia um tigre e uma hora depois da hora marcada para o jogo, já não havia bilhetes.

O Amigo — E, como era costume, vocês perderam!...

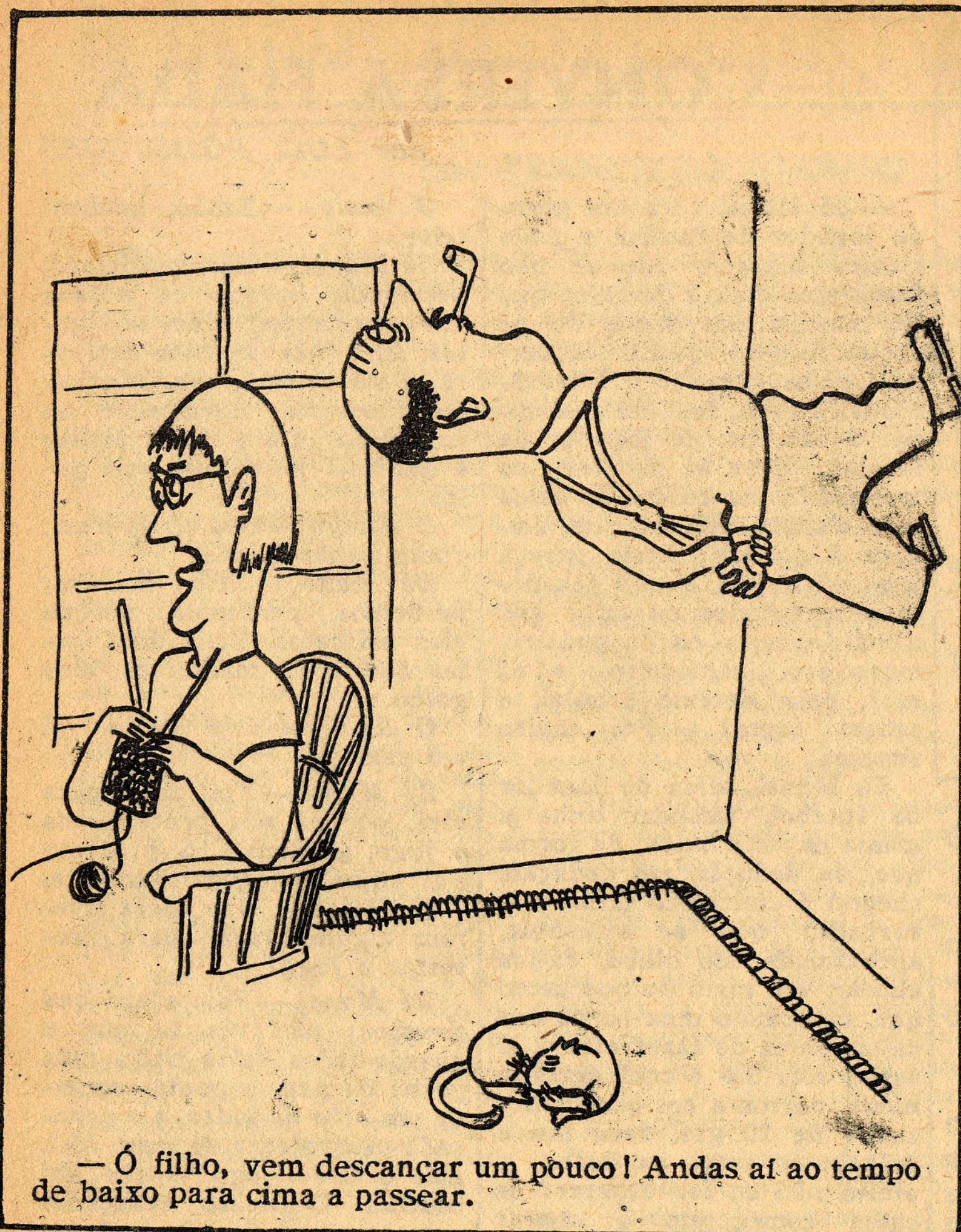
Zé Manel (respirou fundo e disse: — Não; dessa vez ganhámos, por falta de comparação dos nossos adversários.



— Agora, dêem um passo em frente, voltem-se e atirem!

AS BOTAS

por SANTOS FERNANDO



— Ó filho, vem descansar um pouco! Andas aí ao tempo de baixo para cima a passear.



EVASÃO

TER graça todas as semanas, saber o que passar para o papel em branco, de sete em sete dias, não é tarefa fácil. As vezes a caneta não arranca, tal como os automóveis: carregamos no acelerador do cérebro, tocamos o «claxon» do nosso dicionário das pragas, metemos uma segunda ou uma terceira... tentativa, abrimos o tampão da nossa inteligência (ou burrice!), consultamos o motor do nosso pensamento, reviramos todas as engrenagens e o carro, perdão, e a caneta, não anda.

Então, levantamo-nos, executamos alguns passos de dança, dum lado para o outro, abrimos e fechamos a janela, fechamos e abrimos a porta, fazemos por nos concentrar, muito embora o vizinho berre lá em cima e a vizinha grite, lá em baixo.

De repente, chega uma ideia salvadora, quase beijamos a estilográfica e, quando vamos já na primeira linha, batemo-nos á porta e, ou nos anunciam uma conta para pagar ou a morte dum tio em quinto grau, que partira para o Polo Norte, como vendedor de frigoríficos. E a inspiração fugiu.

Então, pegamos na gabardina, saímos e vamos até ao «café». Aí sempre há alguém que conta uma anedota, que nos distrai e que nos salva daquela atrapalhiação.

★

— Conhecias a história daquele tipo das botas?...

— Não. Conta lá, que talvez tenha piada.

E ele contou:

— Todas as noites o Malaquias, que morava num primeiro andar de renda antiga, regressava a casa após a habitual visita ás capelinhas. Abria a porta da escada, subia os vários degraus que o conduziam ao primeiro piso, entrava em casa e despiu-se.

Começava por tirar a roupa, e finalmente as botas grossíssimas, que atirava para o chão com uma força tremenda. Toda a casa estremecia como se tivesse caído uma tonelada de chumbo.

E, como chumbo, o Malaquias abandonava-se nas asas de Morfeu.

Ora o sr. Timóteo, vizinho do rés-do-chão, velho guarda-livros da velha guarda (daqueles guarda-livros que passam a vida a seguir á risca as

normas da contabilidade, escuritmando, sempre, do lado direito o débito e do lado esquerdo o crédito) não conseguia pregar olho enquanto o Malaquias se não deitava. Ele já sabia que ás 2 horas e 2 minutos tinha de ouvir aquele estrondo dos demónios, das botas cada uma por sua vez a caírem lá em cima.

Todas as noites era aquilo: primeiro uma e depois a outra: pareciam duas bombas por cima da sua cabeça.

Incapaz de adormecer antes de o vizinho se deitar, uma manhã, o velho guarda-livros dirigiu-se ao Malaquias.

— O vizinho desculpe! — disse, encontrando-o na esca-

da —. Eu ando estafado do trabalho e todas as noites me deito ás 11, á ver se descanso e consigo dormir. Mas o barulho que o senhor faz com as botas é tanto que eu, nem por mais uma, concilio o sono. Não podia fazer menos barulho ao descalçar as botas? E que eu já estou naquela fase em que não posso fechar os olhos antes de você se deitar. Não é nada: são duas horas que não aproveito!

O Malaquias desfez-se em desculpas!

— Oh!, queira desculpar!... Peço-lhe imensa desculpa!... Eu sou um pouco distraído e ás vezes... Mas o vizinho tem razão. Fique descansado que

hoje, á noite, já terei mais cautela!

E o Malaquias desapareceu, enfiado nas suas botas de quatro quílos.

Timóteo — digno guarda-livros, incapaz de alterar os preceitos da escrituração comercial — ficou tão contente de já poder dormir, que nessa manhã... até viciou a escrita.

A noite foi deitar-se muito satisfeito de ter nascido, ciente de que o seu vizinho passaria a ser mais cuidadoso na arrumação das botas.

E adormeceu. Adormeceu e eram 11 horas, tão confiante estava no que o outro lhe dissera.

Porém, ás 2 horas da manhã, acordou num sobressalto.

— Pum!... Catrapum! Com os olhos fulminou o teto. Acendeu a luz. A lâmpada baloiçava ritmicamente. O resto era silêncio.

No outro dia, de manhã, o velho guarda-livros esperou o Malaquias.

— Então o vizinho prometeu-me que teria mais cuidado com as botas e ainda esta noite aquilo lá por cima parecia o terramoto de 1755!

Malaquias quase chorou:

— Perdão, perdão!!!... Eu sou muito esquecido. Juro-lhe pela baixa do vinho que jamais acontecerá isso! Descanse, que desta vez é certo.

E ele, mais uma vez, ficou descansado.

Veio a noite. O velho guarda-livros arrumou as coisas e foi para a cama. Antes, fez uma pequena oração.

As 2 da manhã o Malaquias chegou a casa. Despiu-se, e, finalmente, tinha nas mãos as pesadíssimas botas.

Zás! — E com toda a força atirou a primeira para o chão: «Pum!». Mas, de repente, veio-lhe á ideia a jura que tivera perante o seu vizinho e, logo, com toda a cautela, poisou a outra bota, docemente, sobre o pequeno tapete.

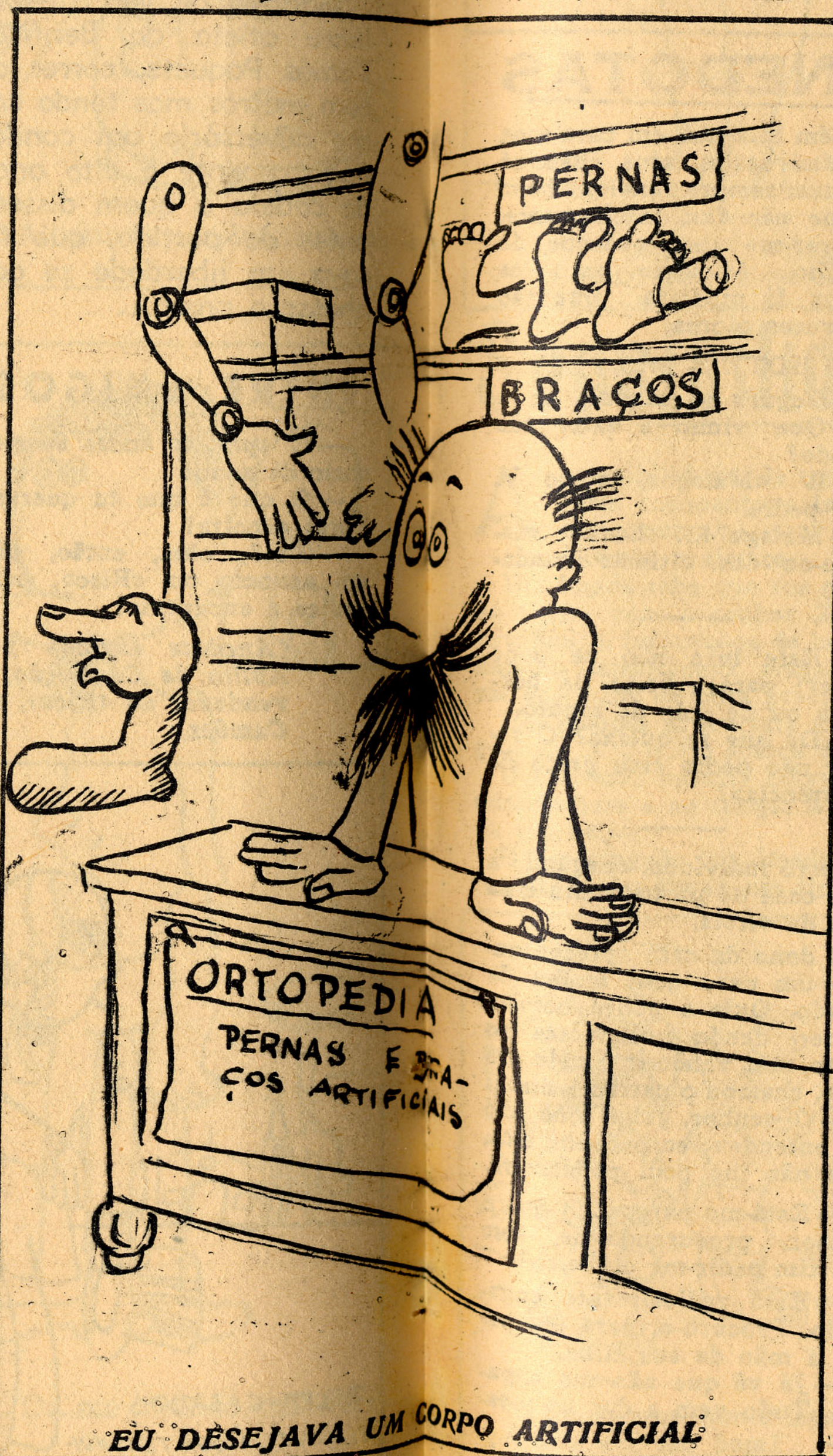
E adormeceu.

★

Eram seis horas da manhã quando lhe bateram á porta. Estremunhado, foi abrir.

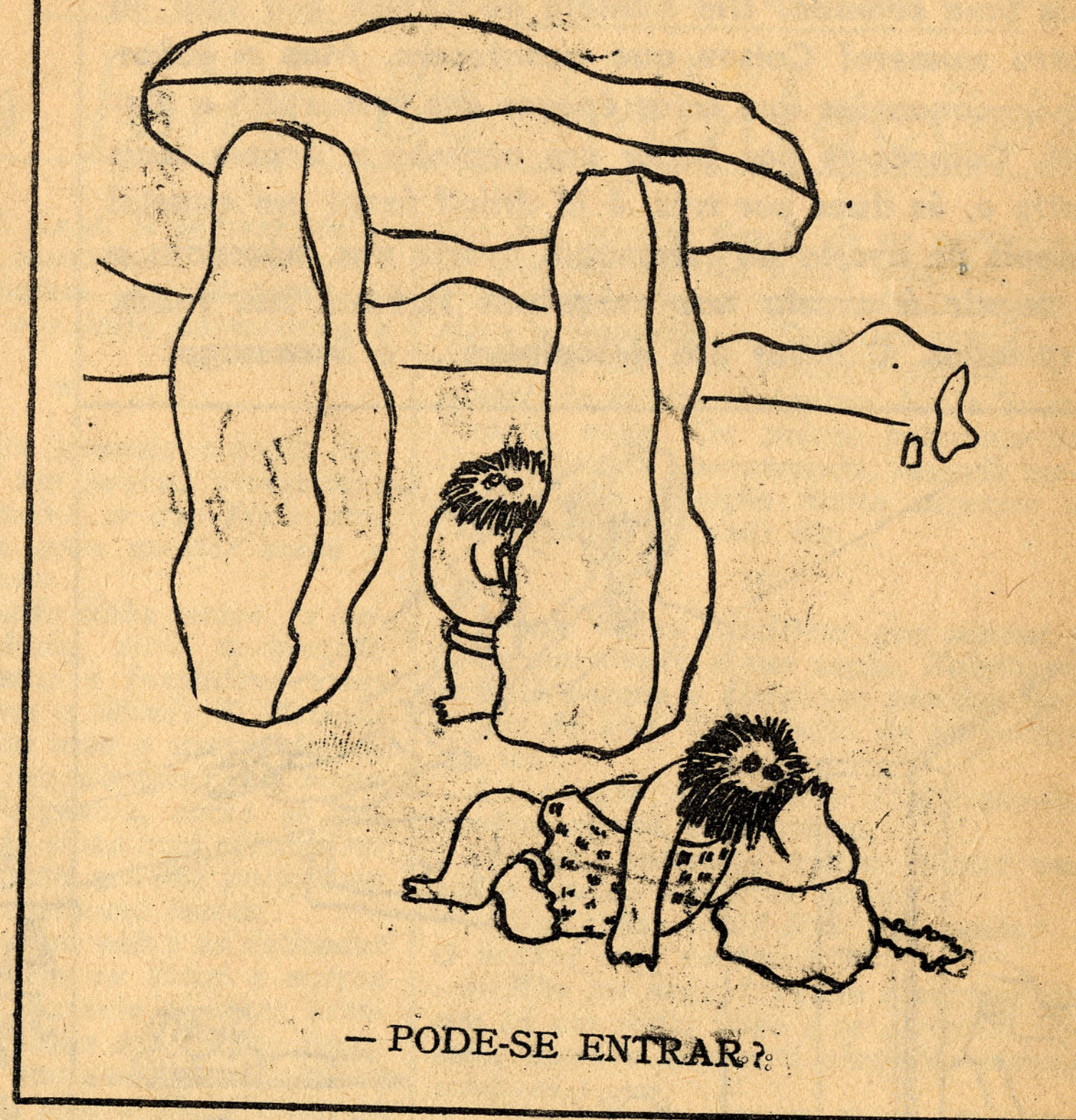
Era o vizinho, o velho guarda-livros Timóteo, de olhos fora das órbitas, desgredado e lívido.

— Oiça lá! — disse, rouquejante —. Há quatro horas que estou acordado!... Quando diabo é que você atira a outra bota?!...



EU DESEJAVA UM CORPO ARTIFICIAL

NA OUTRA ERA



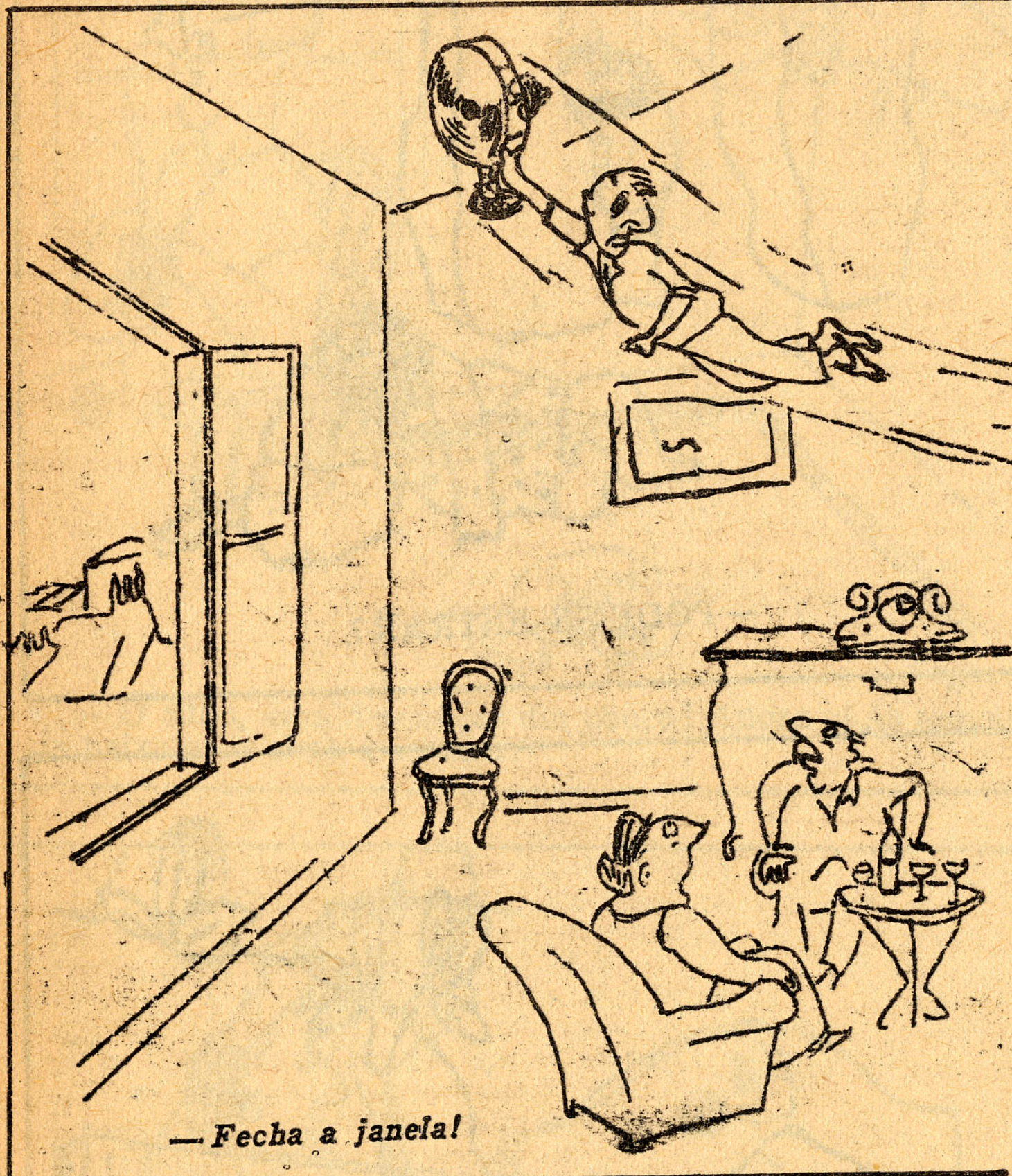
— PODE-SE ENTRAR?



— IDADE?
— DA PEDRA!

Porque falhámos

E' verdade, estimados leitores, desta vez falhámos uma semana! Um numero do «Riso» que saiu no outro numero! Coisas que acontecem. Mas o leitor há-de concordar que estas épocas das festas são o diacho. Começa-se por beber um côpinho e depois mais outro e, ás duas por três, é já difícil fazer um quarto! Depois de avaria no estomago, avaria nas máquinas e a seguir á avaria nas máquinas ficámos nós todos avariados. O leitor nos desculpará... é Saramago!



— Fecha a janela!



— Eu trouxe o meu capacete, que é muito mais elegante!



— O menino não poderia guardar os seus exercícios para mais logo?!

ALGUMAS ANEDOTAS

O MAL DE MUITOS CASAMENTOS

Um indivíduo ilustre da França, foi passar as férias a uma propriedade sua, mas ficou surpreendido ao chegar ali e ver um seu vizinho a jantar ao ar livre, sentado num tronco de árvore, enquanto a neve caía que era um louvar a Deus.

— Homem! jantar aqui com este temporal, não lembrava a ninguém.

— O senhor tem razão!... — respondeu este.

Eu estou a comer aqui pelo facto de a minha chaminé estar escangalhada, não funciona bem, e enche-me de tal modo a casa de fumo que eu prefiro comer debaixo de neve...

O Francês imediatamente perguntou:

— Posso ir lá ver a chaminé?

— Outro dia, meu senhor. Será conveniente outro dia.

— Não. Há-de ser agora mesmo — teimou o Francês.

E dirigiu-se para a casa. Mas, assim que bateu á porta, ouviu lá dentro um barulho dos demónios.

— Ah! Queres entrar, marido depravado? Pois espera aí que eu te vou abrir a porta.

E um pedaço de ladrilho arrancado lá de dentro veio bater na cara do Francês, enquanto o pobre do marido se desfazia em desculpas, por causa da acção da esposa.

— Aquilo é só visto, meu senhor, é só visto. A culpa foi minha, porque fui atrás do dinheiro que ela tinha, e afinal espetei-me.

Mas o Francês, batendo-lhe com a mão no ombro, sorrindo da desagradável cena, diz:

— Não se apoquente; eu

também lá tenho em casa uma chaminé assim, uma chaminé que nem sempre funciona bem. O que não faz, infelizmente, é atirar-me com pedaços de ladrilho. Atira-me com as contas da modista... que são mil vezes piores.

POR HOTEIS, etc...

O freguês ao criado:

— Que vinho é este, tão aguado?

— E' «Málaga», como V. Ex.^a pediu.

— Málaga?!... Então ressentente-se das ultimas inundações.

— Este bife não se pode comer; parece feito de borraça ou de sola de sapato.

— De que se queixa? O senhor não pediu «um prato de resistência»?

Certo indivíduo, chegando a uma casa de pasto, pediu uma isca de vitela.

O dono da casa apresentou-lhe um osso com molho de assado. Quis o pobre homem comer, dando mil voltas ao prato, mas vendo que tudo era osso, chamou o patrão e disse: — Ó senhor, julgo que não me entendeu; eu pedi-lhe isca, mas não lhe pedi pederneira.

— Está-me parecendo que o senhor, procurando-me, tem por fim pedir-me dinheiro?

— Está radicalmente enganado. Procuo-o, para lhe pedir a mão de sua filha.

— Já vê que não me enganei. Tudo vem a dar na mesma.

António Baptista Ribeiro Jr. (Pinhão)

A LENDA DO 1.º ANDAR de D. TOMASA, ou a falta de habitações



...E a este dei o nome do pai por ser o único que se parece com ele...

Sensibilidades

A sensibilidade de cada indivíduo varia consoante a latitude a que se encontra.

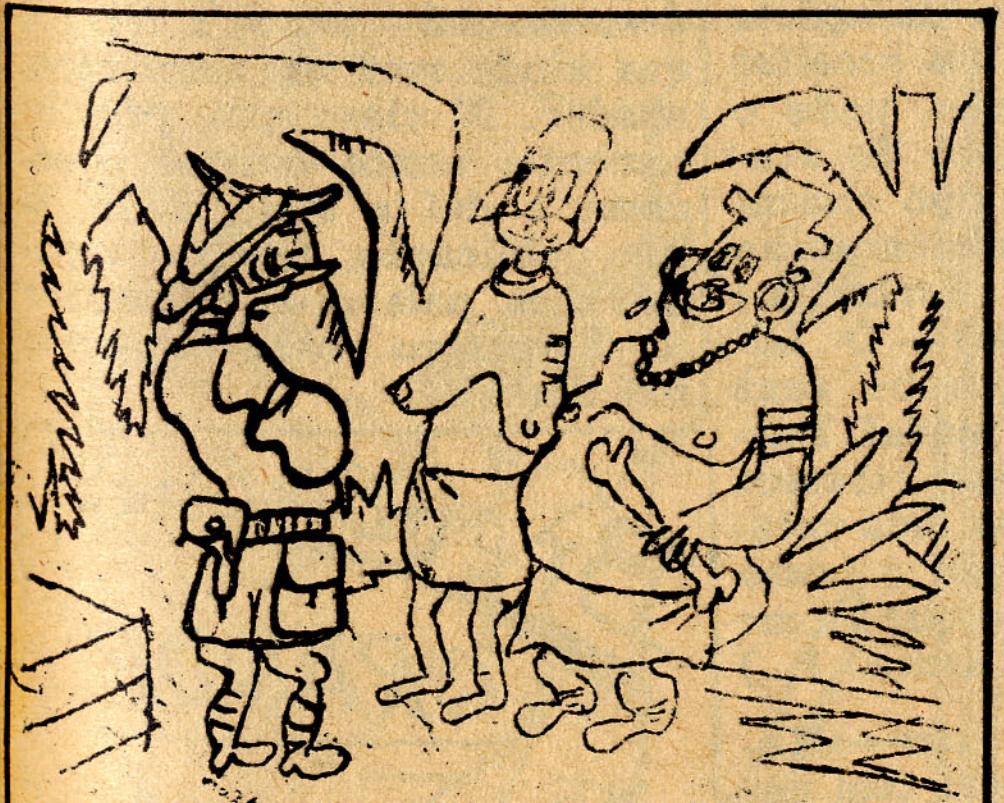
Senão, vejamos:

Um inglês sabe que sua mulher foi ao teatro com o senhor X. Como bom cavalheiro, informa-se da hora a que termina o espectáculo, aluga um carro e vai buscá-los na hora precisa.

Um francês procuraria a madame, esposa de X e iriam ambos ao cinema.

Um alemão beberia cerveja até determinada hora e ao chegar a casa dar-lhe-ia um beijo.

Um português iria imediatamente para casa e dar-lhe-ia um tiro!



— Vocês comeram o meu melhor amigo! Ele era tão bom!

— Por isso mesmo nós comemos ele!

Certamente V. Exas. já ouviram falar da história que ocorreu no andar onde morava a D. Tomasa. A lenda anda de boca em boca; por isso, passaremos a relatá-la.

★

Fulgêncio saíra naquela manhã, disposto a passear um pouco; necessitava pensar na sua noiva, o que fazia uma vez por semana, para manter aceso o agsgarado do amor.

Fulgêncio, quando tinha tempo, ia isolar-se para qualquer sítio apropriado para o romantismo e formulava estes «Que olhos tem a Mimi! E, demais, dois! Uma mulher com a sua qualidade de olhos apenas devia possuir um, como os Cíclopes. (Fulgência, como se poderá observar, não tinha uma cultura superiormente literária que lhe permitisse a elaboração de melhores frases.

Ocupado em pensar sobre as delicadas proporções do nariz da Mimi e outros apêndices nasais bastante célebres, atravessara todo o parque até chegar junto do lago. Nisto, uns gemidos aquáticos tiraram-no da sua abstracção. Voltou-se e encontrou uma cabeça e duas mãos de senhora que se agitavam na água.

— Que faz aí a senhora? — perguntou ele distraído.

— Afogo-me! — foi a resposta indignada.

— Valha-me Deus! — disse Fulgêncio. E pensou que tinha de atirar-se a salvar aquela senhora.

Mas isso implicava com muitas coisas: molhava a roupa; esfriava os pensamentos eróticos. Contudo, uma ideia salvadora brotou-lhe do cérebro: aquela senhora atirara-se ao lago para se afogar propositadamente. Ele não tinha direito a molestá-la, salvando-a. Assim, perguntou-lhe.

— A senhora suicidou-se?

— Não!, não!... glu, glu, glu!... pão!... glu!... Tire-me! — foi a desconcertante resposta.

— Que quer a senhora dizer com isso de pão?

Fulgêncio, nesse momento, sentia-se dotado duma calma, estranha, de uma curiosidade lenta.

— Pão!... Glu, glu, glu!... Peixes, tropecei!...

Fulgêncio pôde, então, compreender que aquela senhora se inclinara para deitar migalhas de pão ao peixes quando tropeçou e caiu á água.

O caso era grave, mas, uma nova ideia lhe ocorreu:

Escute-me com serenidade e eu a salvarei. Não tenha medo. Diga-me como se chama e onde vive...

— Tire-me!... Glu, glu!

— Escute, minha senhora, antes que seja demasiado tarde. Como se chama e onde vive?

— Dona Tomasa!... Glu, glu!... Rua do Pez, 31... Tire-me já!...

Então, Fulgêncio estendeu a sua mão á desesperada senhora. Ela esticou, também, um dos seus braços mas Fulgêncio

não fez caso e, depois de se certificar de que por ali não havia ninguém, pôs a sua mão sobre a cabeça de Dona Tomasa e empurrou-o. Sem um gemido, a cabeça afundou-se definitivamente. A superfície subiram algumas borbulhitas. Depois, nada. Os peixes habituais da Dona Tomasa encontraram, naquele momento, uma refeição muito superior á das migalhas de cada dia.

★

Depois de se certificar que ninguém havia observado a sua acção, Fulgêncio saiu do parque e dirigiu-se rapidamente á Rua do Pez. Teve sorte de encontrar um taxi.

Ao chegar ao numero 31 dirigiu-se, imediatamente, ao porteiro.

— Oiça, porteiro; venho alugar um andar que se encontra vazio.

— Um andar aqui? Não, não senhor... O senhor está confundido!

— Não me negue! Tenho a certeza de que há um andar vago e se o senhor insiste dizendo que está alugado, denunciá-lo-ei...

— Asseguro-o a V. Ex.^a, cavalheiro...

— Não me assegure nada, que lhe pode custar caro! Trata-se do andar da Dona Tomasa. Acaba de se afogar no lago do parque...

— Ai, senhor!... Chega muito tarde! Há uns minutos que veio outro cavalheiro a dar-me a notícia e ficou com o andar!... Suba, o senhor!... E' o primeiro direito...

Fulgêncio ficou nervoso. Como era possível que alguém se lhe tivesse adiantado? Cheio de ira e, ao mesmo tempo, de curiosidade, subiu ao primeiro direito. Um homem forte e enérgico abriu a porta.

— Senhor — explicou Fulgêncio. — Venho confessar-lhe um crime e, em troca, quero que me faça um confidência...

Fulgêncio explicou-lhe toda a história. Ao ouvi-la, o homenzarrão forte e enérgico estalou em gargalhadas:

— Confissão por confissão, amigo!... Você chegou quando Dona Tomasa estava na água... Eu cheguei quando ela deitava migalhas aos peixes. Sem fazer o menor ruído, aproximei-me. Era uma mulher que pesava muito pouco. Um leve empurrãozinho foi o suficiente. Oculti-me, de seguida. Pelo ó que o senhor me conta, a pobre foi para o outro mundo julgando que tinha tropeçado. Mas eu já lhe seguia a pista há muito tempo!

★

Os que conhecem a lenda do andar da Dona Tomasa asseguram que no andar de Pez, 31, onde a dama habitou, se ouvem pela noite fora, uns estranhos lamentos dentro de água. Assim, mais ou menos:

«Glugluglugluuuu!»

Mas o homem que vive ali — um homem forte e enérgico — não faz caso de fantasmas...

RAIOS X

Entrei na sala de espera do famoso radiólogo. Alguns clientes esperavam enquanto iam falando em voz baixa, seguramente para não despertar o doutor. Outros olhavam-se como se olham os passageiros de terceira não isentos de desconfiança. Sentei-me e escolhi um dos periódicos que havia sobre uma mesita. Era um periódico do ano de 1735, desses que apenas os sábios doutores conservam.

Os doentes foram passando uns atrás dos outros, até que chegou a minha vez. Entrei no gabinete do famoso doutor e este começou a interrogar-me:

— Vamos lá a ver!; o que é que o senhor tem?

— O senhor doutor verá: eu não sei. Por isso lho venho perguntar.

— Os doentes são sempre muito graciosos. Não sabem nunca o que têm e querem que os médicos o saibam. Sente dores em alguma parte?

— Não, doutor. Não sinto dores em nenhuma parte.

— Isso pode ser grave. Geralmente as enfermidades que não doem são sempre as mais graves.

O sábio doutor escolheu uma pena e dispôs-se a escrever.

— Como se chama o senhor?

— Chamo-me Pepe. Pepe Ramirez.

O doutor moveu a cabeça. Eu perguntei, alarmado:

— O senhor crê que é grave chamar-se Pepe?

— Não sei o que diz r-lhe. Seguramente será hereditário.

— Efectivamente, doutor. Meu pai clamava-se Fepe e meu avô também se chamava Pepe.

— Logo se me afigurou hereditário. Vamos: mostre lá a língua.

Fiz o que me dizia. Ele exclamou, alarmado:

— O senhor tem uma língua!

— Sim, creio que sim—balbuciei, envergonhado.

— Possivelmente isso também será hereditário. Recordada-se se houve alguma língua na sua família?

— Sim, o meu pai tinha uma e creio que o pai do meu pai tinha outra.

— Hereditário, hereditário! — gritou o doutor, enquanto rebuscava febrilmente no seu livro.

— Aqui está!: hereditário. Do latim «haereditarius». Aplica-se ás inclinações, costumes, virtudes, vícios ou enfermidades que passam de pais para filhos. Ouviu, meu caro senhor?

Deixei cair a cabeça, transformado, confuso, abatido, prostrado, humilhado...

O sábio radiólogo gritou:

— Aqui está um caso típico! Se os pais dessem conta de que a língua era hereditária, abster-se-iam de tê-la!

— E' verdade, é verdade — voltei a exclamar, cada vez mais confuso.

Então o doutor fez-me passar para uma sala cheia de aparelhos.

— Já lhe fizeram alguma radiografia? — perguntou.

— Não, nunca. Sou pouco aficionado a radiografias.

— Pois bem, vou fazer-lhe uma.

— Por Deus, doutor! Hoje nem tive tempo para arranjar os ossos.

— Não importa. Retocam-se no fim. Como é que a prefere?

— Não sei o que dizer-lhe. Parece-lhe bem de perfil?

— Não sei o que quer dizer de perfil, mas podêmo-la fazer desse modo.

Então, deu-me um copo com uma pasta branca, e disse:

— Tome esta papinha.

— Por amor de Deus, doutor! Não se incomode...

— Tome-a, e nada de complicações!

Tomei aquela imunda papa. Logo o doutor fez mover diferentes manivelas, chaves, botões, e me disse:

— Sorria-se.

— Mas...

— Silêncio! Vai começar-se a rodar!

Ouviram-se vários ruídos e, depois, acendeu-se a luz.

— Que tenho? — perguntei, cheio de ansiedade.

— O senhor tem o corpo cheio de ossos.

— Que disse o doutor?

— Disse que o senhor tem o corpo cheio de ossos.

— Então, como os macacos!...

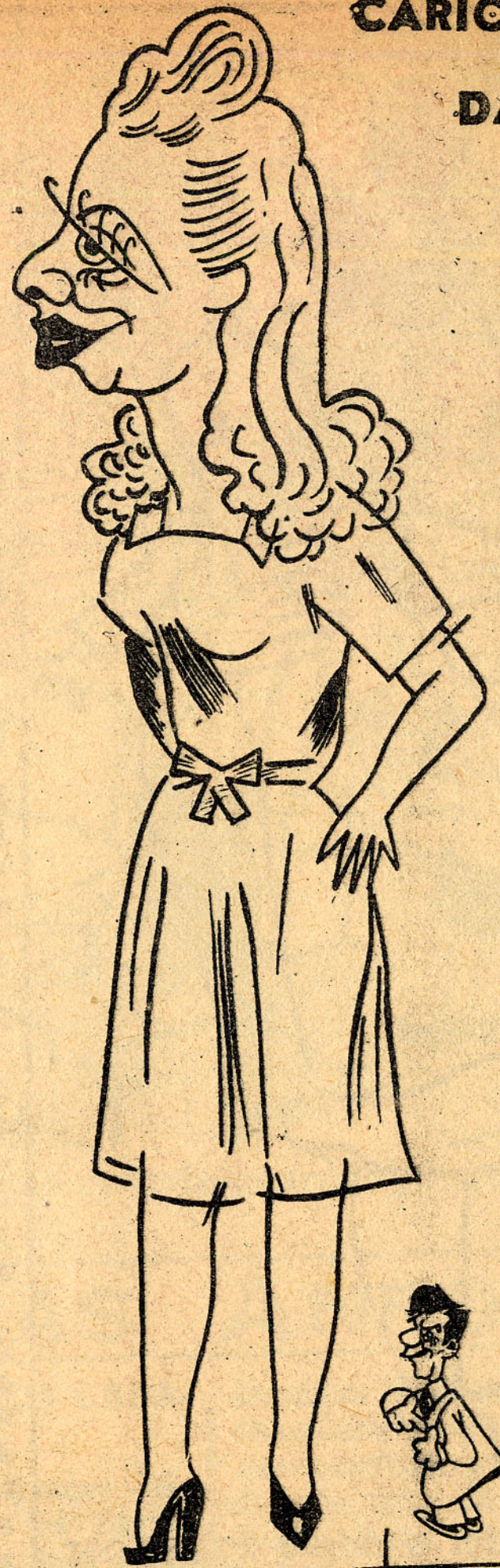
E, mais tranquilo, saí e fui passear.

TONO

(Tradução e adaptação da «CODORNIZ» por Yo Soy Yo)

CARICATURA

DA SEMANA



Irene Izidro numa interpretação de Mario Norton

AI VAI A RESPOSTA

J. Bento Machado — Olhe que a sua «Estrela que não chegou a brilhar» é grande para burro! O senhor há-de compreender que com uma estrela desse tamanho tapava o céu tão limitado do nosso «RISO»!

Fernando Marques Neves — «Uma aventura de mim» será publicada brevemente.

Maximiano Silva Mendes (Vila Nova de Gaia) — Quanto á pergunta que nos faz acerca da qualidade de açúcar a empregar numa das receitas de Mestre Caldeirão, pode o meu amigo fazer uso do açúcar tipo gesso ou tipo cimento armado. Cumprimentos ao Caldeirão, isto é, Saramago!

Lélézinha (Sines) — Ó Lélé...zinha, olhe que os seus versos têm pouca piada! Tente de novo, porque teremos muito prazer em ter uma colaboradora... sobretudo o nosso director (Olhem do que eu me livre!... Se aquela santa...!...)

Manuel J. Palmeirim — «Napoleão da Protectora» tem um defeito: é não ter graça no fim. Olhe que você é dos bons! Veja se arranja outro fim... ou principie outra coi-

sa, enfim!
António Baptista Ribeiro Junior (Porto) — Das anedotas que nos envia, algumas serão publicadas. As outras «algumas» que não são, têm barbas a mais e graça a menos!

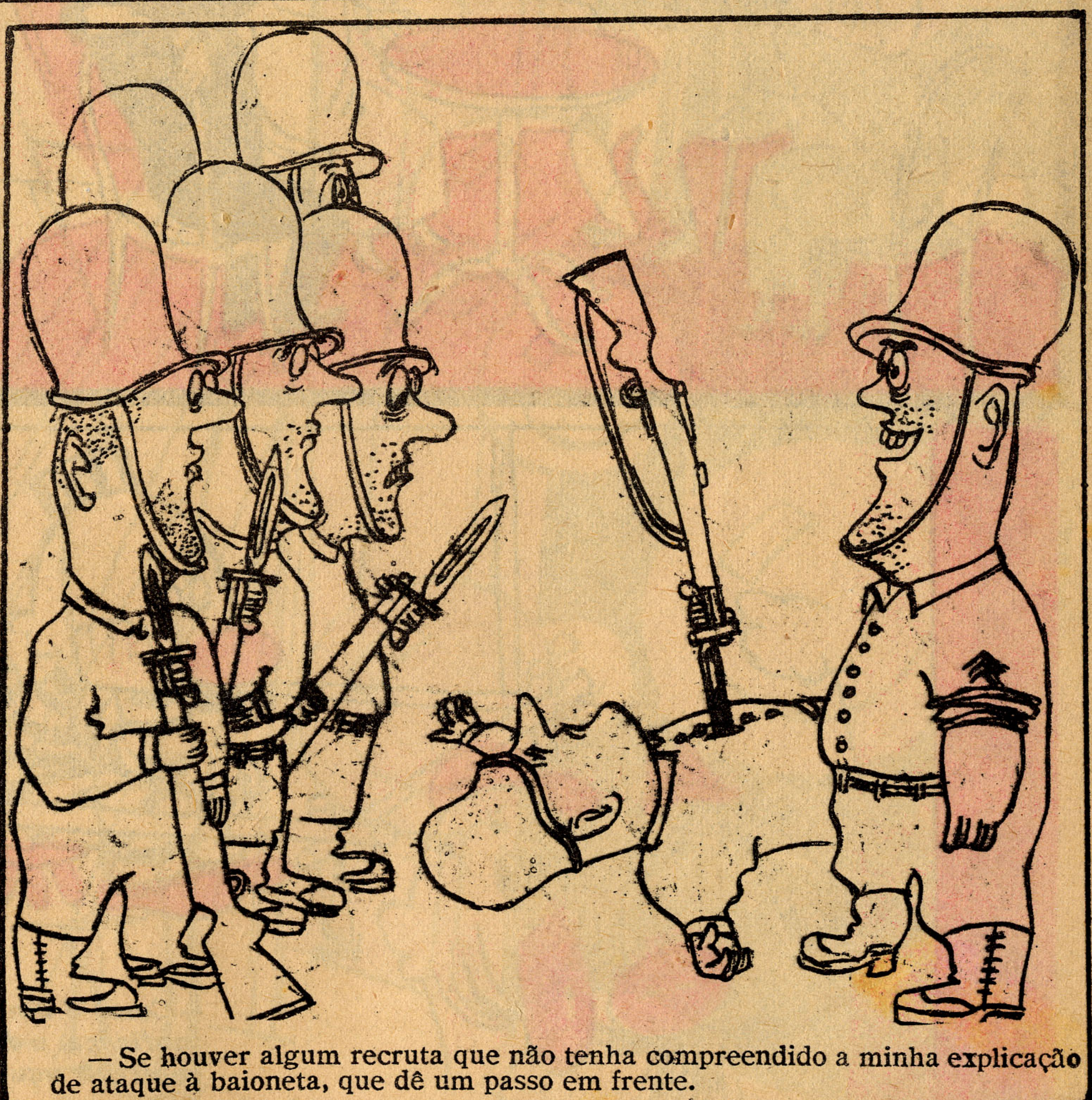
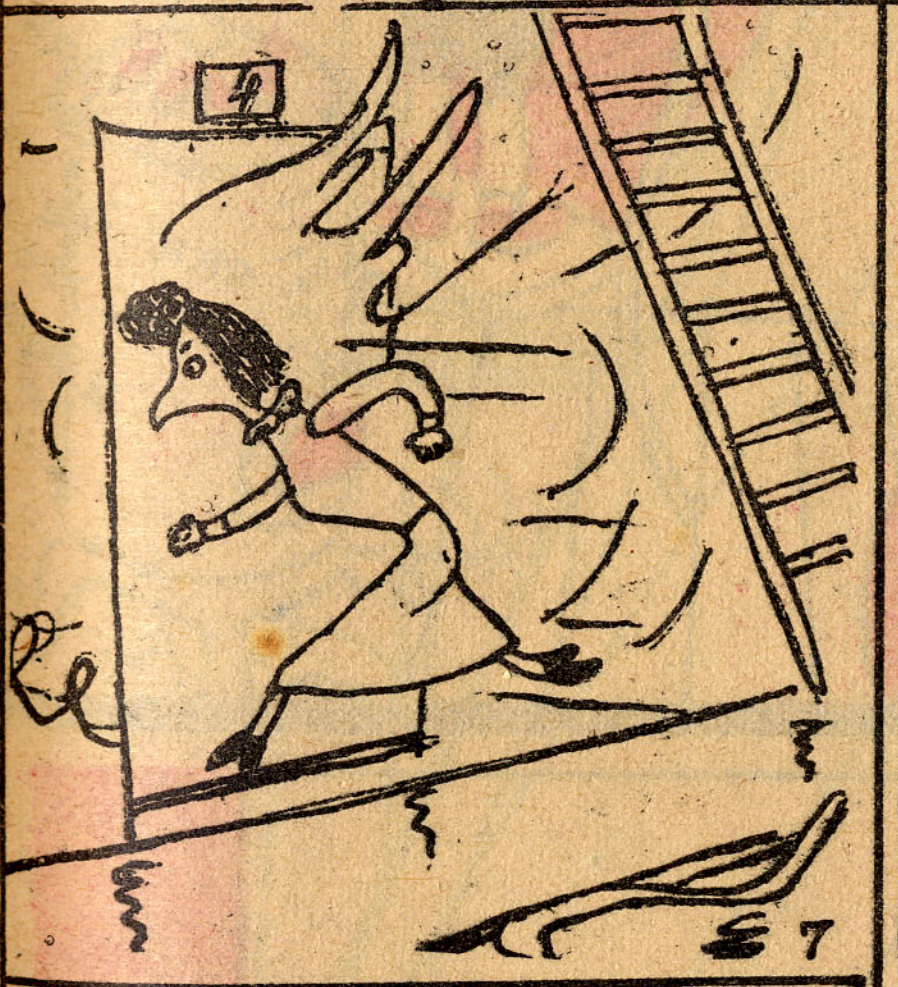
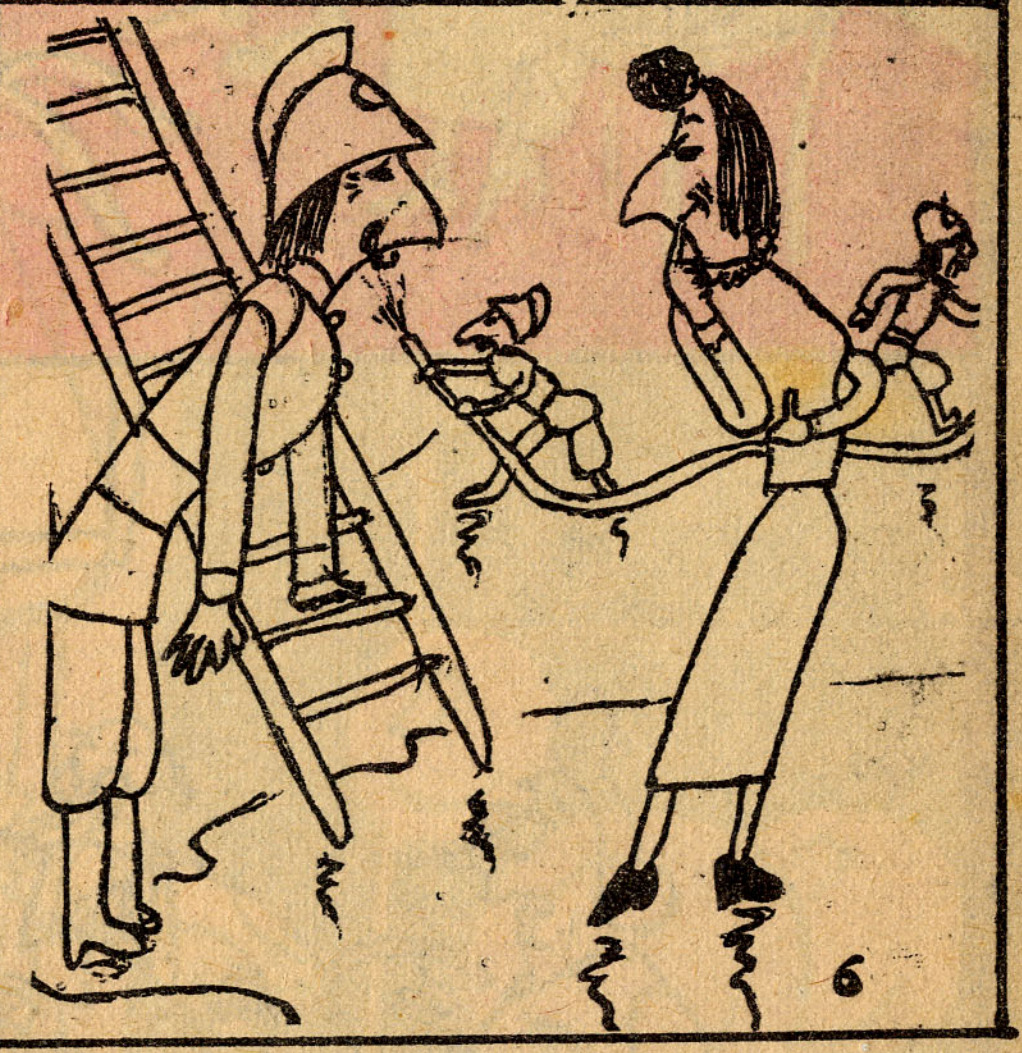
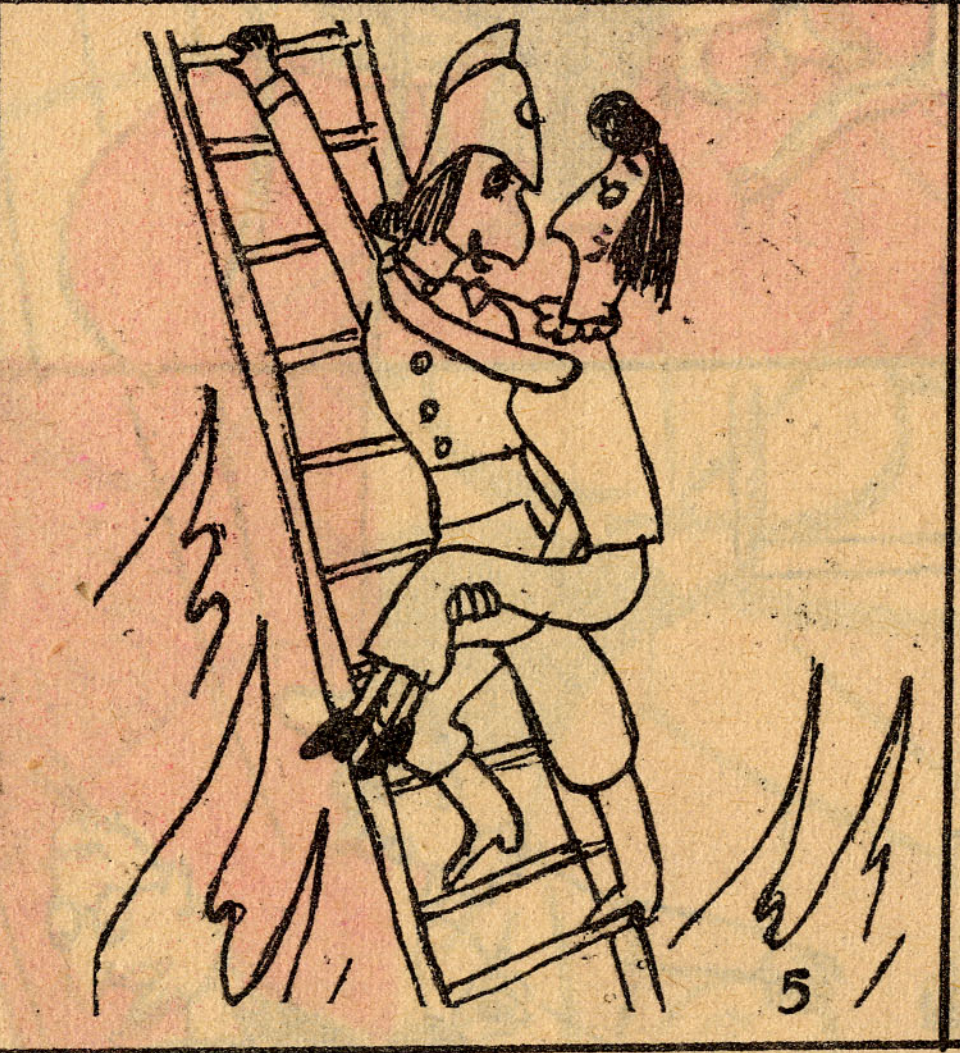
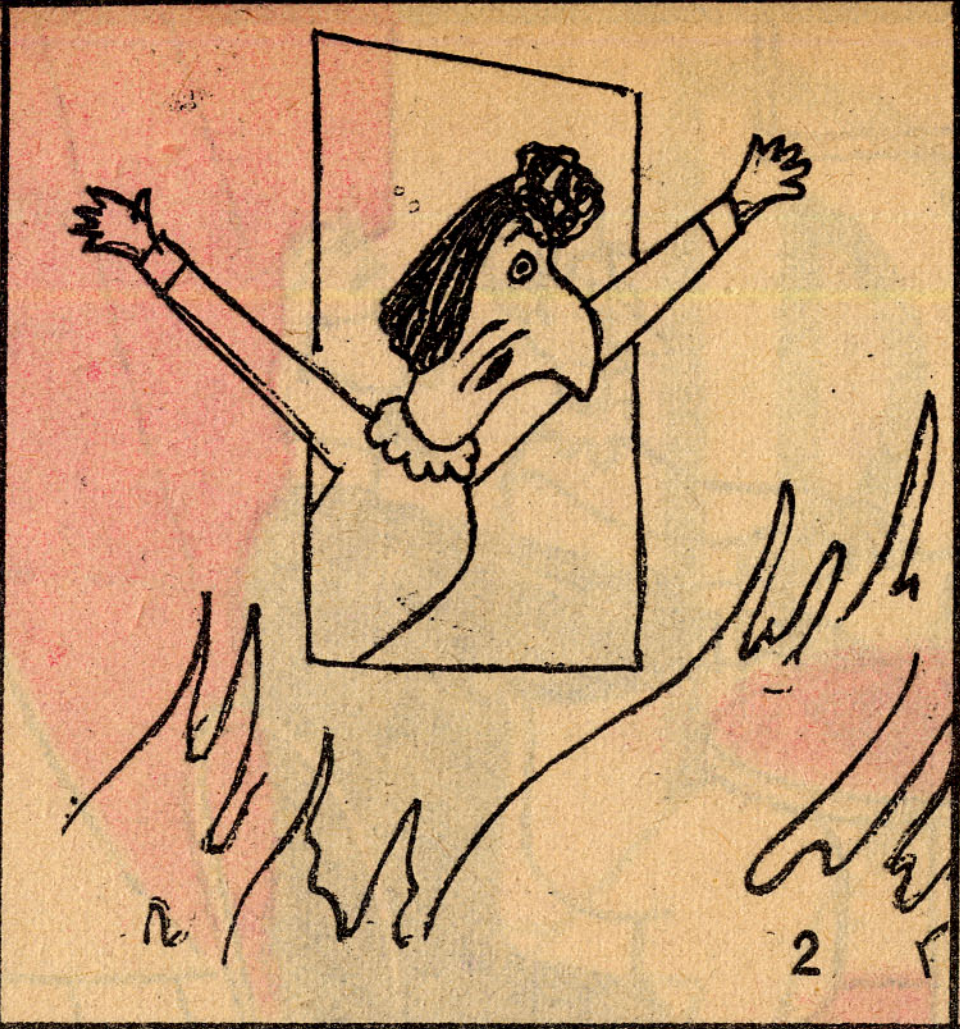
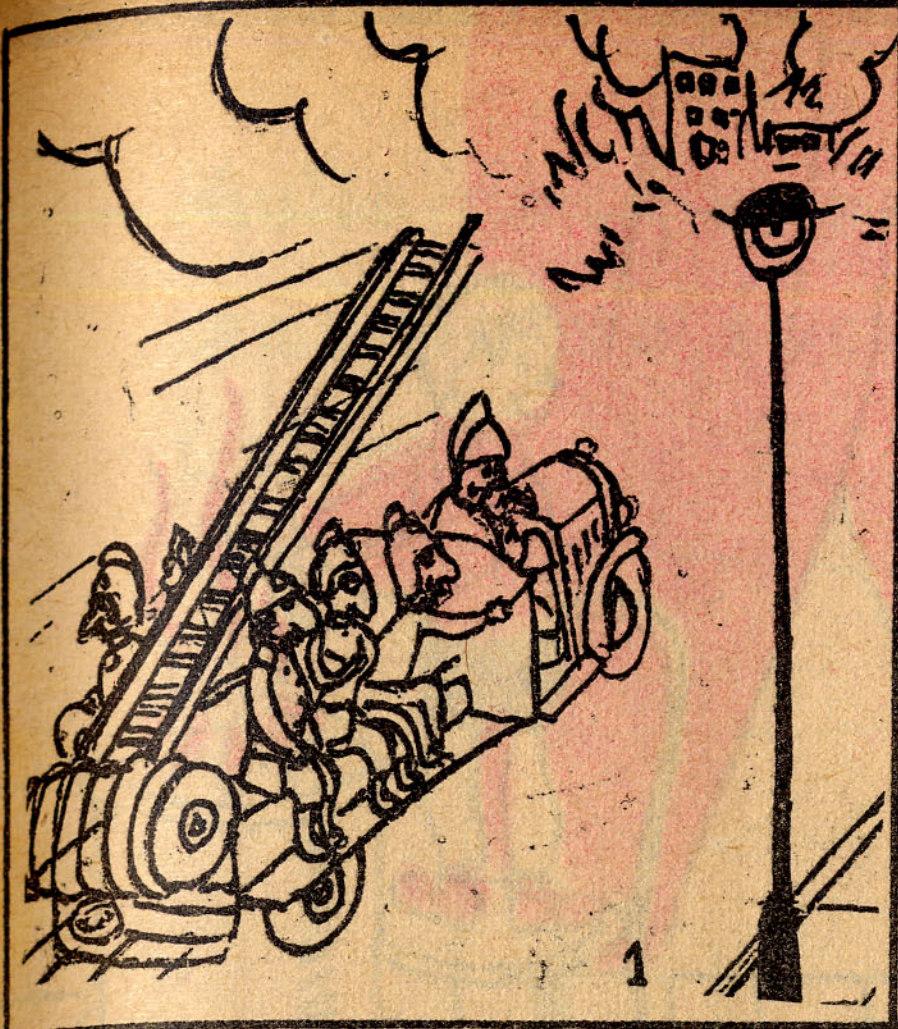
Delego Rafael (Lisboa) — Os seus versos (versos?) são ultra-modernistas, com umas rimas muito desengonçadas. Faça outras e Saramago!

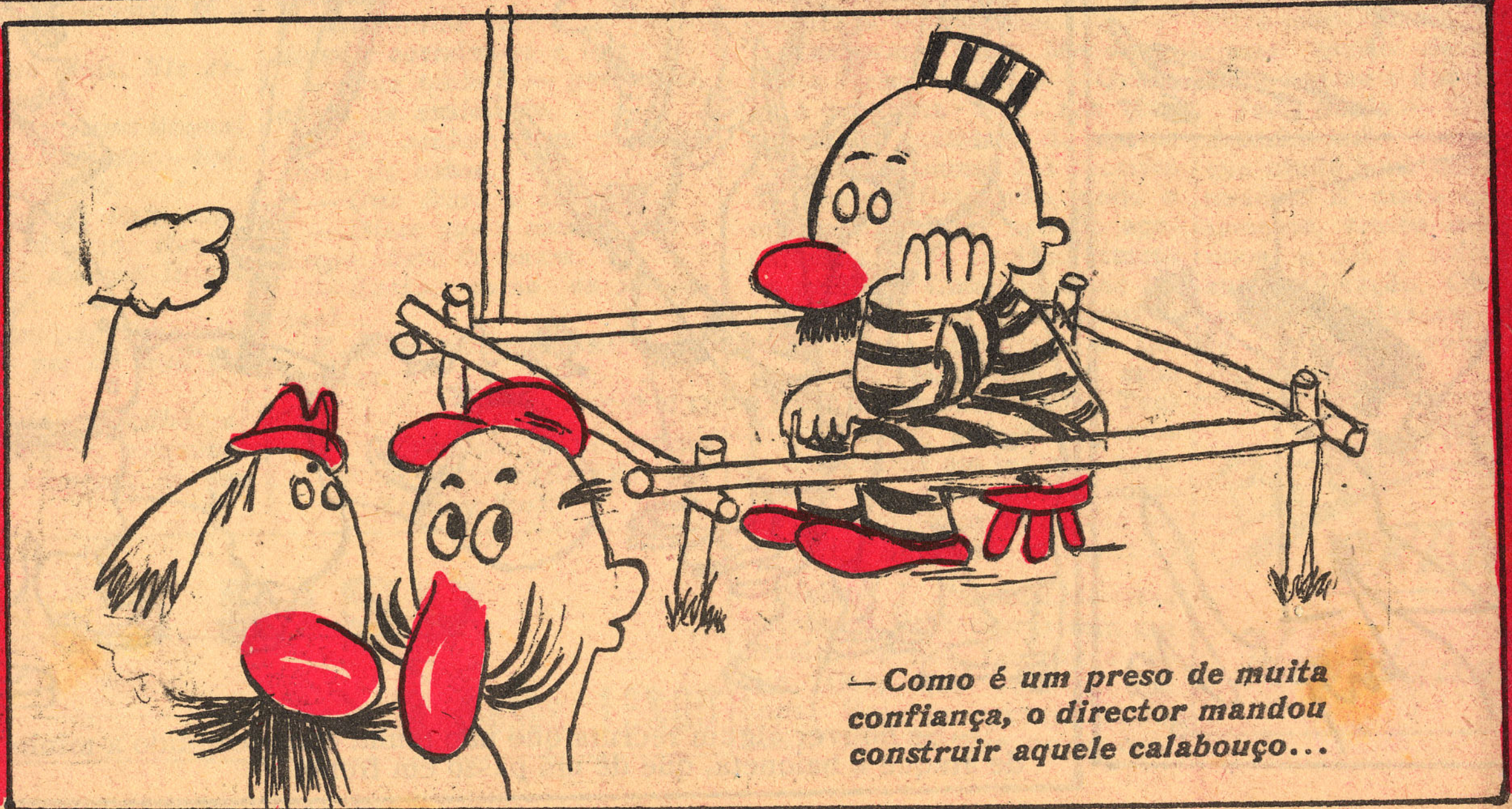
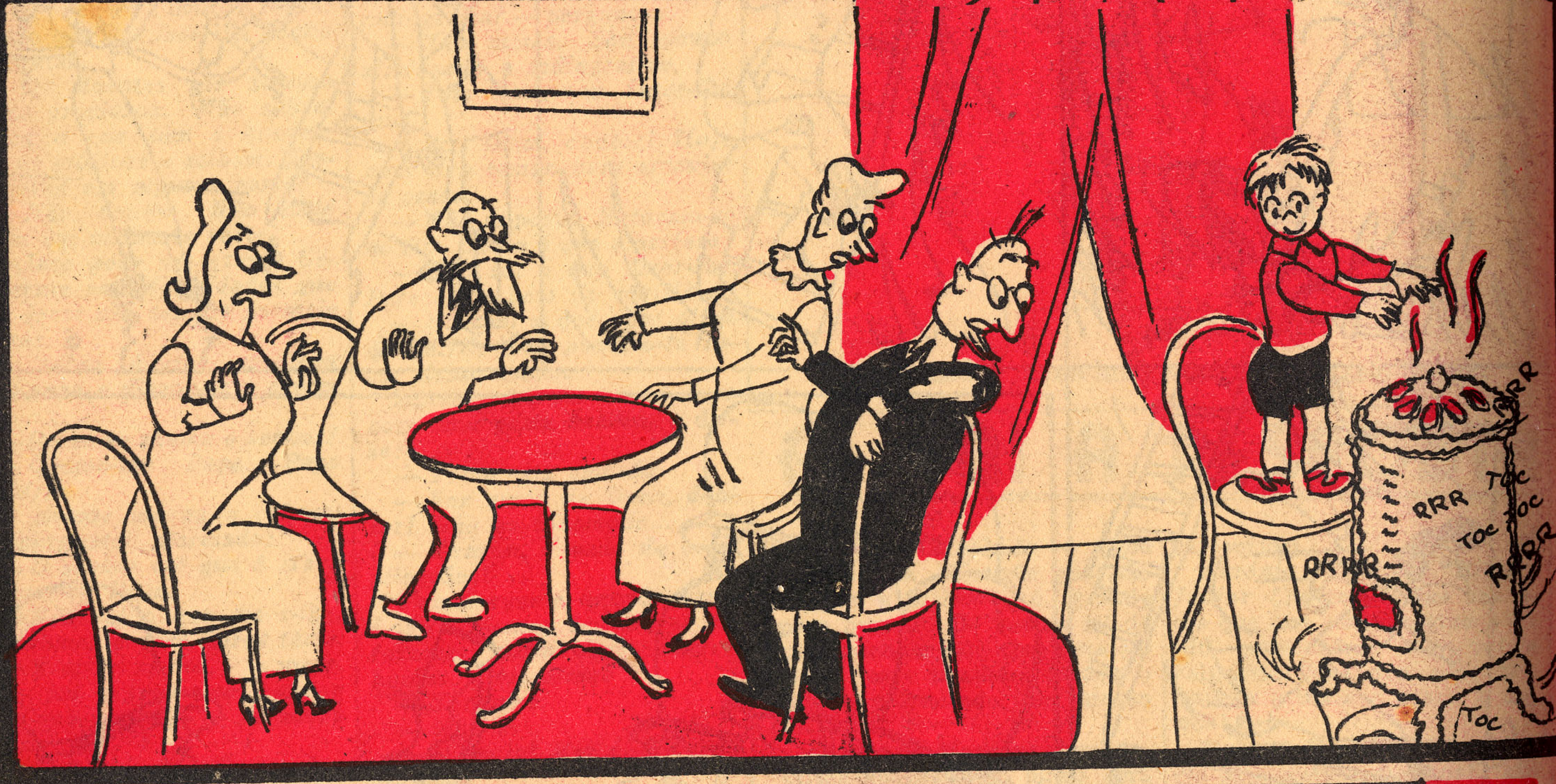
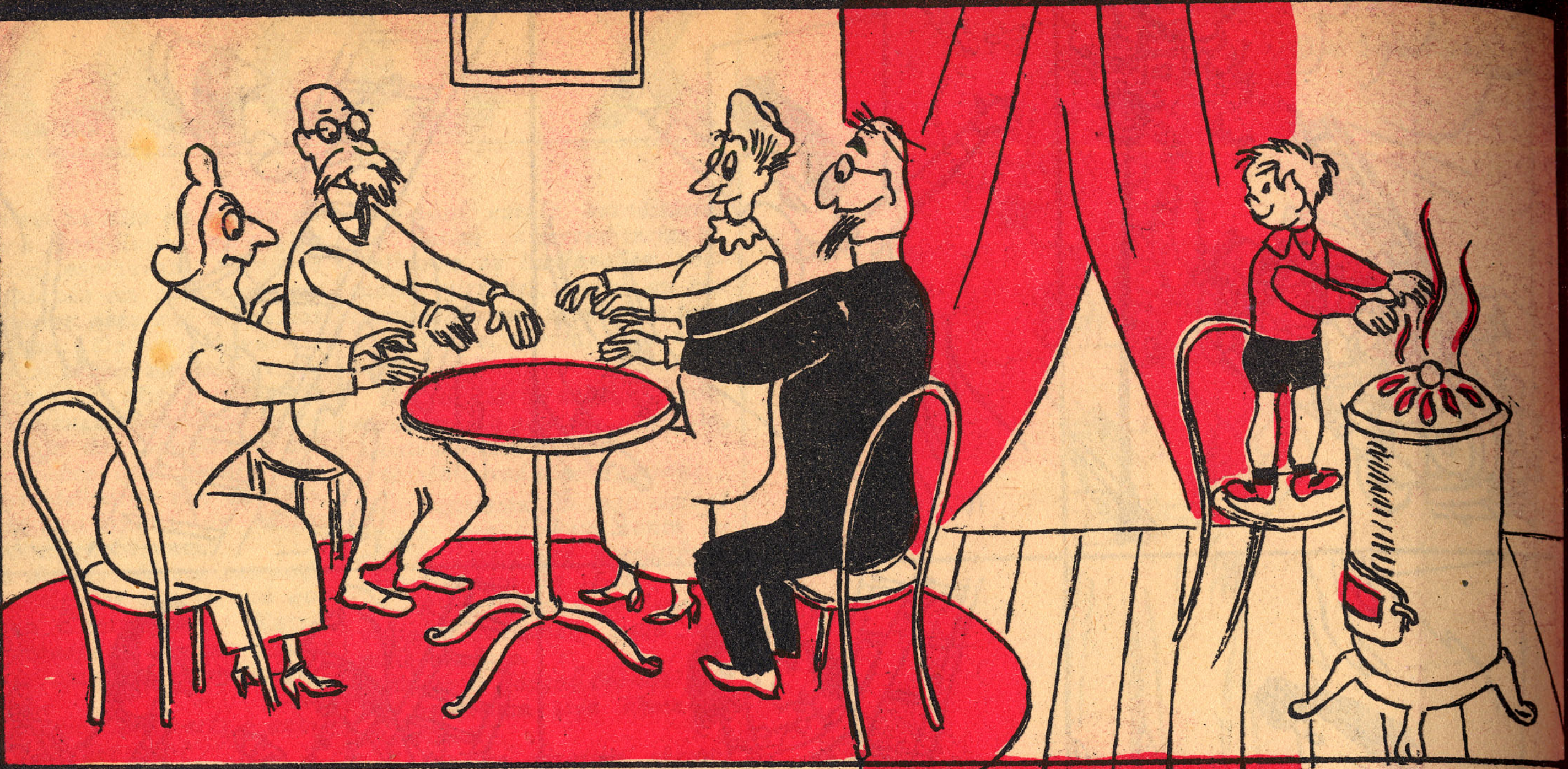
João Paulo — O senhor não desenha mal — temos a certeza que ainda será um bom desenhador. E' claro que, presentemente, temos muitos desenhos, e daí a dificuldade da sua publicação. Obrigado pelas suas palavras. «Monsieur le Saramago vous remercie infiniment»!

**BREVEMENTE
GRANDE
Novidade!**

ASSINE O RISO

3 meses 13\$00





— Como é um preso de muita confiança, o director mandou construir aquele calabouço...